

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Coletânea PPE Letras

Ano 18

Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)

2022

2022

2022

2022

Niterói – RJ

Revista Querubim 2022 – Ano 18 – Coletânea PPE Letras – 70p. (setembro – 2022)
Rio de Janeiro: Querubim, 2022 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais
Periódicos. I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	Ana Caroline Carvalho Viana - O avanço da tecnologia e a falta de interpretação textual	05
02	Bruna Bazhuni Silva e Luciana Brandão Nabarro - Língua Portuguesa: o desinteresse cultivado	07
03	Bruno Rodrigues da Silva de Biasi - Estratégias de difusão da prática de leitura no ambiente escolar	09
04	Claudio Silva Ramos - O Ensino da Gramática no Brasil	15
05	Felipe Sá Freire de Vasconcellos - Problemas no ensino da língua materna nas escolas	18
06	Gabriela Mendonça e Kevin Soares Turbano - Usando a HQ para o incentivo à leitura	21
07	Helen Martins de Lima - As variações linguísticas e o ensino da Língua Portuguesa: Apontamentos na educação básica	27
08	Isabela Ritter Rocha Almeida - A importância da perspectiva sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa	30
09	João Carlos Pinho Pereira - Breve reflexão sobre o ensino de Literatura no Brasil de 2022	32
10	Karine de Mesquita Vargas - A flor como símbolo de resistência: a poesia na prática docente	35
11	Lethícia Loyola da Costa Lima, Liliana Lopes Gaspar e Ramon Elias da Silva – Tecnologias educacionais	42
12	Lucas de Souza Bernardo - Reflexões sobre o ensino de concordância verbal	47
13	Lucas Fagundes Viana - Os escritos contemporâneos/periféricos e o ensino de literatura: uma necessidade deste tempo	49
14	Mylena Vitória Andrade da Silva - A leitura e a escrita no ensino de Língua Portuguesa	57
15	Sabrina Monteiro da Silva - O ensino de Literatura na antiguidade x o ensino de Literatura proposta pela atual base nacional comum curricular no Brasil.	61
16	Samuel Oliveira Silva - Processo de aquisição de linguagem e ensino de línguas	64

Apresentação

A presente coletânea faz parte de um conjunto de etapas no processo de formação de professores na área de Letras, especificamente em turmas de Pesquisa e Prática Educativa nos semestres letivos do ano de 2021.

A escritura de artigos e resenhas é um exercício de leitura e compreensão não só do discurso que resulta de uma pesquisa, mas também do conteúdo específico desenvolvido ao longo dos debates e exposições nas aulas.

A produção de resenhas significa circunscrever e apresentar o que há de mais significativo no texto produzido por um determinado autor. Além disso, significa analisar de forma sucinta o conteúdo referencial do texto, o que configura um exercício de leitura crítica.

A produção de artigos significa apresentar uma reflexão a partir de observações realizadas no estágio e de leitura de artigos que fazem parte da dinâmica das aulas, e que contribuem no processo de formação de pesquisadores.

Espera-se estar contribuindo de forma significativa para que a relação entre pesquisa e prática de ensino ou prática educativa possa ser desenvolvida pelos estudantes de Letras conforme prevê o PDI da UFF.

O AVANÇO DA TECNOLOGIA E A FALTA DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Ana Caroline Carvalho Viana¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar as dificuldades do processo interpretação e produção de textos no ensino fundamental, o artigo baseia-se em experiências pessoais e observação de alunos no círculo social desta autora, pois devido ao período pandêmico atual não foi possível recolher nenhum resultado de investigação. Nas últimas décadas nota-se uma grande deficiência no processo de leitura-compreensão e produção de textos por parte dos alunos que estão saindo do ensino fundamental e ingressando no ensino médio, esses alunos desenvolveram uma dificuldade de produzir ou até mesmo interpretar textos simples como uma narração, uma música, crônica... Acredita-se que esse fenômeno vem ocorrendo devido ao crescimento do acesso a conteúdos na internet por adolescentes, o advento da internet redirecionou o foco de atenção do mundo no século vinte e um. Isso não é uma crítica ou elogio, apenas uma constatação, textos menores e mais ágeis vêm ganhando o espaço de obras literárias.

Palavras-chaves: Internet. Interpretação. Produção textual.

Abstract

The objective of this article is to present the difficulties of the process of interpretation and production of texts in elementary school, the article is based on personal experiences and observation of students in the social circle of this author, because due to the current pandemic period it was not possible to collect any results from investigation. In the last decades there has been a great deficiency in the process of reading-comprehension and production of texts by students who are leaving elementary school and entering high school, these students have developed a difficulty in producing or even interpreting simple texts as a narration, a song, a chronicle... It is believed that this phenomenon has been occurring due to the growth of access to content on the internet by teenagers, the advent of the internet redirected the focus of attention of the world in the twenty-first century. This is not a criticism or praise, just an observation, smaller and more agile texts are gaining the space of literary works.

Keywords: Internet. Interpretation. Text production.

Introdução

O perfil médio de leitura de um adolescente hoje tem demandas diferentes, textos mais longos ou complexos são descartados por serem longos ou complexos. A plataforma internet acabou criando uma dinâmica diferente para a informação, mudando os textos e o seu padrão, se por um lado a tecnologia deu possibilidade a grupos de leitores que compõem os canais de resenhas de livros no *youtube*, por exemplo, por outro ela não aumentou o número destes. Mesmo com as novas possibilidades de leitura no celular, tablet, kindle, entre outros aparelhos, para atrair os jovens, o nível nacional e mundial continua o mesmo, porém o perfil do leitor mudou e esse se tornou menos tolerante com textos que ocupam muito espaço, e usam como argumento para o desprezo deles o “*ir direto ao ponto*”.

¹Graduanda em Letras– Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

Desenvolvimento

A dificuldade de ler e de interpretar textos é notória desde que o uso excessivo de celulares e tablets tornou-se uma realidade para os jovens, a dificuldade de concentração, pensamento acelerado, cansaço mental, os avanços da imagem, da cor, da tecnologia e do movimento, geraram, principalmente nos adolescentes, um desinteresse pela leitura. As consequências disso são profundas para a inserção no mercado de trabalho e para o exercício da cidadania, uma vez que pessoas que não sejam capazes de compreender textos plenamente estarão, em teoria, menos aptas para ocupar empregos de alta complexidade e, ao mesmo tempo, estarão mais vulneráveis ao ambiente da desinformação que floresce na internet e nas redes sociais. Desse modo, é fundamental repensar sobre a educação doméstica e a escolar em conjunto, as novas tecnologias são importantes sim, entretanto, é preciso equilibrar a exposição a elas e ter uma atenção maior voltada para a leitura tradicional. Atitudes assim podem colaborar para melhorar a prática da interpretação e a produção de textos mais coesos, mais coerentes.

Sendo assim, no que diz respeito ao funcionamento do ensino, o professor deve ser capaz de estabelecer relações entre o que ocorre em sala de aula e nas mudanças tecnológicas, a moderna pedagogia dispõe de inúmeros métodos de ensino e convém que o professor conheça todas as vantagens e limitações de cada método para utilizá-los de formas mais benéficas aos alunos.

Soares (1979) ressalta que o professor deve proporcionar aos alunos leituras de acordo com as habilidades que quer que os estudantes desenvolvam. E acrescenta: Para que sejam atingidos os objetivos pretendidos, é necessário que os alunos tenham interesse pelo texto, que os alunos participem ativamente do estudo do texto, que sejam eles a estudar o texto, sob a orientação do professor, e não este a estudar o texto diante de alunos espectadores. Faz necessário que o processo integre seus alunos a este mundo da leitura e produção textual de forma democrática respeitando as opiniões de cada um, e por certo dando algumas dicas de como melhorar o texto do aluno.

Conclusão

A internet, com seu alto poder de difusão entre as pessoas, faz parte da vida do adolescente, independente da finalidade do seu uso, logo, acredita-se que o futuro da educação e do leitor seja virtual e cabe à escola inserir-se nesse mundo. O incentivo e uma atuação positiva por parte dos professores pode “salvar” toda uma geração e a apreciação ao ato de ler pode dar continuidade ao processo de formação do “ser” leitor e consequentemente de boas produções textuais.

Referências

- LAJOLO, M. et al. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- SOARES, Magda Becker et al. **Ensinando comunicação em língua portuguesa no 1º grau: sugestões metodológicas 5ª a 8ª séries**. Rio de Janeiro: MEC/DEF/UFMG, 1979.

LÍNGUA PORTUGUESA: O DESINTERESSE CULTIVADO

Bruna Bazhuni Silva²
Luciana Brandão Nabarro³

Resumo

Este artigo colocará em discussão uma crítica em relação ao ensino atual de Língua Portuguesa. Tendo em vista que o aluno, em seu processo de aprendizagem na educação básica, não necessita se aprofundar nos conceitos mais complexos da gramática do Português, será abordada uma perspectiva na qual esses conteúdos só lhe seriam úteis se o aluno se encaminhasse para uma vida profissional voltada para a linguagem. Por isso, será posta em evidência a necessidade de haver uma renovação no ensino de língua materna, pois o modo como esse processo ocorre apenas acarreta desinteresse do estudante, já que faz com que ele considere a matéria impossível de aprender.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. Aluno. Professor. Mudança.

Abstract

This article will discuss a critique of the current teaching of Portuguese. Bearing in mind that the student, in his learning process in basic education, does not need to delve into the more complex concepts of Portuguese grammar, a perspective will be approached in which these contents would only be useful if the student were on his way to professional life language-oriented. Therefore, the need for a renewal in the teaching of the mother tongue will be highlighted, since the way in which this process occurs only causes the student's lack of interest, since it makes him consider the subject impossible to learn.

Keywords: Teaching. Portuguese language. Student. Teacher. Change.

No que diz respeito à aprendizagem de Língua Portuguesa voltada para crianças e adolescentes, é necessária extrema cautela, visto que são indivíduos que se encontram em contato muito primitivo das especificidades da língua nativa. Dessa forma, é preciso que o professor trabalhe de um modo que não exclua um grupo de alunos em detrimento de outro. Isto é, existem muitos jovens cuja realidade não condiz com a norma culta do Português, por isso, é fundamental que o professor identifique e compreenda essas particularidades de cada aluno, reconhecendo assim, a existência da pluralidade linguística antes de adentrar a sala de aula.

Pressupostos teóricos

De acordo com o linguista João Wanderley Geraldi em seu artigo “*Construção de um novo modo de ensinar/aprender a língua portuguesa*”, para que haja um ensino de qualidade, é imprescindível que o aluno seja o elemento principal nesse processo. Isso acontece porque o professor de Língua Portuguesa não deve desconsiderar as especificidades de cada aluno, visto que o ensino da gramática, da forma que é feito, pode se chocar com uma realidade do educando totalmente distante desse contexto de norma-padrão, principalmente em um país tão desigual como o Brasil. Caso esse impasse persista, o autor ressalta que isso contribui para reafirmar as discrepâncias entre as classes sociais, de modo que quem se adapta melhor a esse ensino do Português é a classe mais privilegiada, já que esse tipo de linguagem faz parte da vivência dos alunos inseridos nesse cenário social.

²Graduanda do curso de Letras – Universidade Federal Fluminense.

³Graduanda do curso de Letras – Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

Em contrapartida, a classe mais desfavorecida da população continua sendo ainda mais oprimida, dessa vez pela língua, que é imposta a esses discentes, os quais em sua maioria não possuem qualquer contato com a norma culta.

Metodologia/desenvolvimento

Com o intuito de romper com esse ciclo vicioso, é importante que o docente não afirme que uma variedade é superior a outra, como se uma fosse certa e a outra errada, mas sim que o educador crie novas possibilidades de interação entre os alunos e até mesmo com ele próprio, a fim de que a turma tenha contato com os vários tipos de formas de expressão, além de ressaltar que todas elas são válidas, fazendo com que o preconceito linguístico também não ocorra. Essa técnica pedagógica explora as diferenças e semelhanças entre os indivíduos, o que favorece o crescimento pessoal do ser que ainda está em formação, já que ele aprende que existem outros modos de se expressar e que isso não interfere em nenhum aspecto na comunicação.

Entretanto, é fato que o uso da Língua Portuguesa na modalidade de norma-padrão é o formato utilizado em contextos formais, os quais são responsáveis por abrir caminhos profissionais. Por esse motivo, é necessário pensar a relação de ensino como o lugar de práticas da linguagem, com a finalidade de compreendê-las, fazendo com que as perspectivas de um uso efetivo da língua sejam aprimoradas. Essa abordagem, assim, não possui qualquer semelhança com o ensino de Língua Portuguesa tradicional, que se debruça em descrever a língua. Nesse sentido, essa conduta a respeito da gramática apenas seria essencial para os profissionais de estudo da língua e de seu ensino, para que consigam exercer suas funções de maneira eficiente, ao passo que aqueles que estão no processo de aprendizagem de língua materna não necessitam desse enfoque completamente descritivo da linguagem. Para um ensino eficaz, essas noções são as que precisam nortear as práticas de leitura, de produção de texto e de análise linguística.

Considerações finais

Essa reformulação no processo pedagógico de Língua Portuguesa, portanto, é de extrema relevância, de modo que o ensino de língua materna tradicional está formando alunos com severo desinteresse sobre as possibilidades de escrita e fala, além do preconceito linguístico que é enraizado nesses indivíduos acerca da produção da variedade menos valorizada, como afirma Geraldi. Além disso, é preciso salientar que a reformulação na aprendizagem de Língua Portuguesa fomentaria em um corpo discente muito mais aprimorado linguisticamente, dado que os alunos saberiam utilizar a linguagem a seu favor dependendo do contexto no qual estariam submetidos. Ou seja, em situações formais, eles entenderiam que precisam fazer uso da norma culta, porém, em circunstâncias informais, os alunos teriam em mente que não precisam tratar como errado o tipo de comunicação realizada, pelo contrário, o uso informal deve ser tratado como habitual, de forma que é apenas uma das variedades que podemos explorar como falantes do Português.

Para que isso ocorra, contudo, são necessárias mudanças no modelo pedagógico, ou seja, é preciso que o aluno tenha acesso às mais variadas formas de utilizar a língua, fazendo com que o professor dê subsídios para que ele consiga ler e produzir textos baseados nesses modelos de expressão. Ademais, é indispensável que no processo de aprendizagem, além da leitura e escrita, haja também reflexões acerca dos assuntos trabalhados, para que ocorra interação entre o professor e alunos, corroborando em uma aprendizagem bem-sucedida e satisfatória para todos.

Referências

Geraldi, João Wanderley. *Construção de um novo modo de ensinar/aprender a língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DA PRÁTICA DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

Bruno Rodrigues da Silva de Biasi⁴

Resumo

Este artigo contrasta alfabetização e letramento, observa a importância de ambos na sociedade, mas coloca em relevo a importância da segunda competência. Pretende-se analisar o contexto escolar, vinculado ao social, refletindo sobre a literatura na prática docente ao avaliar o que é necessário para a difusão da prática de leitura. Também aponta estratégias de otimização do letramento literário, tendo em vista a primazia da literatura na produção de empatia, objetivando uma sociedade com mais leitores e consciência crítica.

Palavras-Chave: Literatura; Letramento; Leitura.

Abstract

This paper contrasts literacy and literacy, observes the importance of both in society, but emphasizes the importance of the second competence. It is intended to analyze the school context, linked to the social, reflecting on the literature in the teaching practice when evaluating what is necessary for the diffusion of the reading practice. It also points out strategies for optimizing literary literacy, in view of the primacy of literature in the production of empathy, aiming at a society with more readers and critical awareness.

Keywords: Literature; Literacy; Reading.

Introdução

Quando estagiei no CEAM - Colégio Estadual André Maurois (localizado na zona sul do Rio de Janeiro, mais especificamente entre a Gávea e o Leblon) no primeiro contato com a escola, a atividade desenvolvida é basicamente a observação, o que me levou a contemplar os processos que envolvem a prática docente. A professora de Literatura e Língua Portuguesa Cíntia Barreto supervisionou o estágio, ocorrido nos meses de maio e junho de 2019. Naquela ocasião estive em contato com problemas crônicos e cruciais da educação pública brasileira. No entanto fui surpreendido ao me defrontar com o interesse e a inteligência dos alunos que, no colégio em questão, são engajados social e politicamente, como também dotados de certa consciência crítica de suas realidades e da realidade do país. Contudo, vale frisar, as características anteriores referem-se somente à maioria dos alunos – o que já é um ótimo sinal. Importante destacar: o comprometimento da professora com o ensino da literatura através de exercícios afins; e a ausência de bullying. A comunhão entre os adolescentes, professores e universitários (a estagiar) é altamente enriquecedora, uma vez que os colocam em convívio e no cruzamento de realidades extraordinariamente distintas. Estudantes da Rocinha, Vidigal, Muzema e Rio das Pedras compõem, basicamente, o CEAM. Ao longo das aulas ficou claro um pleno domínio da oralidade da língua por parte dos alunos, tanto em atividades de leitura quanto de fala; embora a parte escrita ainda careça de certo cuidado, dado que é comum a presença de inúmeras incorreções ortográficas, inclusive em palavras de uso corrente. Tais ocorrências encontram-se atreladas ao baixo fascínio por leitura, livros e literatura. Fatos que desembocam no presente trabalho: traçar estratégias para a produção e conservação de leitores, tendo por finalidade o enfretamento dos elevados índices de analfabetismo, bem como – sobretudo - produzir ambientes favoráveis ao letramento, principalmente o literário.

⁴Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

O cenário brasileiro

"O analfabetismo de jovens e adultos vem sendo reduzido no Brasil — passou de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad)⁵." Apesar disso, dados mais recentes sinalizam que nosso país ainda possui elevados índices de analfabetismo - aproximadamente 12 milhões de pessoas, segundo o IBGE (2017). Ou seja, algo em torno de 7 a 7,5% da população de 15 anos ou mais. Tal taxa aponta para o fato de que o Brasil não conseguiu atingir uma das metas intermediárias estabelecidas pelo Programa Nacional de Educação (PNE): a meta 9, que estabeleceu a redução dessa taxa a 6,5% até 2015. O analfabetismo, por se tratar de uma questão estrutural, demanda planos vigorosos para sua diminuição e, por conseguinte, acenar para uma possível erradicação. Para além da aquisição e do exercício da língua materna (esta adquirida no meio social em que o sujeito vive), a produção do conhecimento e a capacidade de comunicação não se fazem possíveis em meios não alfabetizados/letrados. É como o som que não se propaga no vácuo. Logo, a alfabetização e o letramento são os meios pelos quais a comunicação e o conhecimento propagam-se.

A importância do letramento literário

Ao seres humanos habitar o mundo é estar atravessado pela linguagem, visto que o mundo se constitui pelas palavras. O filósofo austríaco Wittgenstein já apontara: “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo”. Sem nos desdobrarmos pelos caminhos da filosofia analítica e da linguagem, tal frase ilustra como o homem – ao simplesmente viver - inexoravelmente se materializa num sujeito linguístico dotado de capacidade de comunicação e faculdade de pensamento. A língua é indispensável para traduzir o que está ao nosso redor, entre fatos e objetos. Desdobra-se, portanto, nos domínios da fala e da escrita.

Como é sabido, alfabetização e letramento são coisas distintas. A primeira trata-se do ensino e aprendizado de uma técnica de representação da linguagem humana: a escrita e seus domínios, tendo esta: início, meio e fim. Letramento é a ampliação da alfabetização. É a prática que compreende os usos e as funções sociais da leitura e da escrita. Surge antes da alfabetização e continua mesmo depois que a criança já se encontra alfabetizada. Letramento traz sentido à alfabetização. É a habilidade em compreender e usar, de maneira autônoma, a língua nas práticas sociais; passível, portanto, de ser otimizada.

Retomando a experiência do estágio: há uma desproporção entre as competências “alfabetização” e “letramento”: os alunos encontram-se alfabetizados, mas com o desenvolvimento das práticas e funções sociais da leitura e da escrita atrofiado. Por isso reafirma-se a importância de otimizar o ambiente letrado, um procedimento de suma importância, uma vez que conecta vivências e estimula a consciência de realidade distintas. Afinal este é processo contínuo, iniciando-se antes da alfabetização e estendendo-se até o fim de nossas vidas, tendo por finalidade não só combater o analfabetismo (e suas vertentes), como também dotar a população de indivíduos cada vez mais emancipados e munidos de senso crítico apurado, permeando sua percepção de mundo.

Espaços letrados aprimoram as experiências vividas e as novas, dado que são ambientes que favorecem a comunicação e o alcance do conhecimento “(...) a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social.” (PETIT, 2008, p. 61).

⁵ Disponível em portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167 Acesso em 20/02/2022.

O contexto escolar

Literatura e educação vivem em constantes tensões, em seu livro *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* (ed.34), a antropóloga francesa Michèle Petit, de saída, reproduz o que comumente escuta em seu país: que nos dias de hoje o jovem médio lê pouco:

Nos dias de hoje, temos a impressão de que o gosto pela leitura deve abrir caminho entre o “proibido” e o “obrigatório”, ao menos na Europa. Em meu país, todo mundo se lamenta: “os jovens não leem nada”, “se lê cada vez menos”, “como fazer para que leiam?”. E poderíamos nos questionar sobre os efeitos complexos, ambivalente, desses discursos alarmistas e convencionais de elogio à leitura. Por virem dos poderes públicos, dos professores, dos pais ou dos editores, podem ser percebidos como outras tantas ordens, como testemunhos de impaciência, de uma vontade de controle, de domínio. “Você deve gostar de ler”, ou, em outras palavras, “deve desejar o que é obrigatório”. Esses discursos deixam pouco espaço para o desejo, estão muitas vezes carregados de angústia, e a criança ou o adolescente o sentem. Ao escutar alguns adolescentes, de diferentes meios, falarem de seu pouco interesse pela leitura, fiquei surpresa com seus discursos repletos de culpa, muito “versão oficial”: “sei que eu deveria ler”, “sei que não leio muito”. Estamos em uma situação de obrigação, segundo a qual deveriam ler para satisfazer os adultos. A leitura, que para gerações anteriores foi um gesto de recusa, de resistência, é percebida por uma parte dos adolescentes como um gesto asséptico, de conformismo, de submissão. (PETIT, 2013, p. 21 – 22).

Ora, como reconciliar o jovem com a leitura, de modo a produzir um interesse genuíno por algo que, por vezes aos olhos deles é enfadonho? Se tal pergunta por si só já é desafiadora, imagine quando somamos a ela este outro cenário adverso: “(...) muitos homens e mulheres jamais ousaram se aproximar dos livros. Acreditam que neles existe um mundo que não lhes pertence.” (PETIT, 2013, p. 23)

É triste constatar como muitas pessoas naturalizam o fato de que um ambiente letrado não deveria englobá-la. Por vergonha, por achar que a leitura é um ambiente inalcançável, essas mesmas pessoas colocam-se em posição marginalizada. Geralmente são indivíduos que já se encontram numa posição de fragilidade social, uma vez que acreditam que a leitura é essencialmente um ambiente de gente privilegiada.

E isso é ainda mais evidente nos meios onde impera uma economia de subsistência, onde alguém pode se sentir culpado de ler, pois não é uma atividade cuja “utilidade” não é bem definida; também pode se sentir culpado porque para ler, hoje, a pessoa se isola, retira-se do grupo. É uma atividade com frequência mal-recebida nos meios populares, em que as pessoas se unem para o que der e vier, em que se valoriza principalmente as atividades compartilhadas e em que não se dispõe de tempo nem de espaço para si próprio.

Essas fronteiras que separam dos livros, essas proibições que aumentam as dificuldades, não desaparecem sozinhas: ao contrário, em nossa época, a segregação e a solidão acentuam-se por toda parte. A televisão e o rádio penetram nos espaços relegados, e até onde podem ocupar ali todo o tempo “livre”. Mas com o livro e os textos impressos não ocorre o mesmo. Não há muitas ocasiões de tocá-los ou de ver pessoas lendo. Os livros são como estrangeiros, estão em templos distantes aonde muitos jamais se atreveriam a ir, porque sabem que não vão estar em seu lugar e que não saberiam como proceder. (PETIT, 2013, p. 24 - 25).

Acrescente-se a essa situação o uso do aparelho celular. Um dispositivo que se tornou demasiado imperativo na vida moderna, de modo a nos furtar um tempo precioso que por vezes poderia se destinar à leitura. É comum presenciar em sala de aula, alunos que dividem sua atenção com o aparelho. Estudos apontam que o uso incessante desse dispositivo eletrônico tem afetado cada vez mais nossa capacidade de concentração. É disso que trata a obra *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*, Maryanne Wolf (2009, Editora Contexto).

Estratégias do letramento literário

Ao traçarmos estratégias para potencializar o letramento, é necessário fazer um recorte preciso dos cenários desfavoráveis à apreciação da leitura e escrita. A educação – seja ela privada ou pública - frequentemente tem se prestado à formação de alunos para atender demandas do mercado de trabalho atual. Isso tem conferido à educação um caráter meramente material e acrítico. Quando tal especificidade utilitarista aponta para as ciências humanas - terreno por excelência da leitura - verdadeiras catástrofes são produzidas.

Alinhado com os tempos sombrios atuais, alguns setores da sociedade questionam o ensino de História, Geografia, Filosofia, Sociologia e, claro, Literatura. Munidos com as lentes do utilitarismo, muitos acreditam que todas essas disciplinas são desnecessárias. Esquecem, por exemplo, que nos primórdios da civilização, tragédias gregas eram usadas na educação moral e social do povo.

Todos esses questionamentos deixam claro que a relação entre literatura e educação está longe de ser pacífica. Aliás, eles dizem que o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis. Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI. A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual. (COSSON, 2006, p. 20).

Ao elaborarmos estratégias para produção e manutenção de leitores, é necessário combater os elementos que constituem o cenário adverso aqui traçados. Petit sustenta que *para transmitir o amor pela leitura, e em particular pela leitura de obras literárias, é preciso tê-lo experimentado*. É necessário, inclusive, que as obras dialoguem com a realidade do aluno, sendo esta tarefa um exercício conferido ao professor: delinear paralelos entre a obra e o contexto atual. Dissipar as tensões entre a educação e a literatura significa forjar a relevância das obras literárias no aluno. “O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Isso explica, por exemplo, a permanência de certos livros no repertório escolar por décadas.” (COSSON, 2006, p. 32).

Ora, por que criar um ambiente fértil ao letramento? Antonio Candido em seu famoso ensaio “O direito à literatura”, em que cruza literatura com direitos humanos, afirma:

“(…) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade”.(CANDIDO, 2017, p. 188)

A tarefa de despertar o interesse do aluno (ou quem quer se seja) para um livro, se torna mais viável quando somos afetados pela leitura de tal obra. Embora pareça óbvio, não há paixão ou encanto se não existir a experiência de leitura. Tampouco há crítica. Em suma, se o professor não se permite ser atravessado por determinado romance, novela ou conto, sua tarefa em forjar o interesse literário em seus alunos fica comprometida. Também é substancial destacar os benefícios de quem lê e passá-los adiante. Alguns deles: produção de empatia, a possibilidade de viajar sem sair do lugar, aguça a criatividade e visão crítica de mundo, aumento do vocabulário, melhora da atividade cerebral. É indispensável como fator de humanização. Entretanto elencar aspectos positivos da prática da leitura e transmitir nossa paixão por ela não são suficientes.

Literatura e realidade

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de: folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 2017, p. 176-177)

Ao trabalharmos com literatura nas atividades escolares, é providencial que a escolha dos textos vá além do canônico e se aproxime da realidade dos alunos. Em seu livro de poesia *Flores de Alvenaria*, o poeta Sérgio Vaz relata em forma de poesia uma experiência singular que teve na Fundação Casa: ao encontrar com os jovens assistidos pela Fundação, Vaz pergunta se entre eles alguém gosta de poesia. Diante da resposta negativa, o poeta sabiamente declama uma canção (Nego Drama) de um grupo de rap chamado Racionais MC's. No fim das contas aqueles jovens descobrem que gostam de poesia. Sérgio Vaz parece ter lido Paulo Freire e utiliza-se de um plano de ação eficaz, valendo-se de uma metodologia muito eficaz: convergir a literatura com a realidade dos jovens. Em seu livro Cosson nos lembra do poder que a literatura tem em se *metamorfosar em todas as formas discursivas*.

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (...) A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de

maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2006, p. 17).

Projetos de ação e conclusão

Outro importante aliado para disseminação e prática da leitura são os clubes de leitura. Mundo afora esta atividade tem aumentado consideravelmente, inclusive no Brasil⁶. Um clube de leitura é basicamente um encontro em que se discute uma obra combinada e lida previamente. Geralmente são mensais, mas isso fica ao gosto do grupo. É só questão de moldá-los e aliar à prática docente. O debate e a troca de ideias ocorrida nos encontros poderão ser extremamente úteis para manter os alunos motivados com as leituras seguintes. Outra atividade que pode ser uma aliada: sarau. O estímulo à produção e leitura de seus próprios poemas, aguça e pode reforçar o interesse dos alunos; além de melhorar a interatividade e o senso de comunidade. Língua e sociedade são vivas e, portanto, em constante mutação. Demandam ações saem da inércia e dialogam com a atualidade sócio-política que se encontram.

A linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes. (...) Quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo. (PETTI, 2013, p. 71).

Levando-se em conta a faixa etária e ano escolar, a ideia é que clubes de leitura e saraus sejam atividades paralelas, sem pesos avaliativos; com a finalidade de aproximar os alunos da literatura e confluir suas subjetividades, desaguando na ampliação e preservação do letramento. Como também enriquecendo a formação de indivíduos emancipados frente a uma sociedade profundamente desigual. O espírito e a consciência crítica não florescem em terrenos afastados dos multiletramentos, especialmente o literário.

Referências:

- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- PETTI, Michèle. *Os jovens e a leitura*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PETTI, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-philosophicus*. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos, São Paulo: Edusp, 1993.
- VAZ, Sérgio. *Flores de Alvenaria*. São Paulo: Global, 2016.

⁶ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/08/1908987-clubes-de-leitura-atraem-cada-vez-mais-os-que-querem-manter-o-habito-de-ler.shtml> Acesso em 20/02/2022.

O ENSINO DA GRAMÁTICA NO BRASIL

Claudio Silva Ramos⁷

O estudo do ensino da gramática é um dos campos de investigação que tem se tornado fértil na Linguística Aplicada. Em termos educacionais, segundo a visão tradicional de ensino de gramática, grande parte do tempo e do esforço gasto por professores e alunos durante o processo escolar é determinada pelo estudo da metalinguagem de análise da linguagem, com exercícios contínuos de prescrição gramatical, estudo de regras e resoluções de problemas. Normalmente os conteúdos são apresentados em blocos estanques, cuja divisão compartimentada da língua como algo descontínuo e desconexo. Além disso, o ensino de gramática aparece desligado de qualquer utilização prática, tendo o seu objetivo final centrado em si mesmo e os tópicos gramaticais são repetidos ano após ano durante os doze anos que constituem o ensino fundamental e médio.

Ainda nesse sentido, a falsa democratização do ensino, ampliou inconsequentemente o quadro escolar e a solução encontrada diante do despreparo docente foi o acesso ao livro didático, quase na condição de substituto de cursos necessários, ou seja, como um manual que por si só ensinasse ao professor como ensinar e outro que ensinasse ao aluno tudo que fosse possível. Ambos os agentes do processo educativo são transformados em meras máquinas reprodutoras, de sujeitos agentes ideais passam a sujeitos pacientes reais.

Diante dos avanços nas pesquisas que investigam a linguagem é possível desvendar as diversas concepções de linguagem e de gramática que estão presentes nas diversas práticas teóricas e educacionais da contemporaneidade. E diante dessas novas perspectivas, superar uma concepção tradicional de linguagem e de ensino de língua vai ao encontro de uma concepção de linguagem capaz de subsidiar não só novas tecnologias, mas principalmente capaz de remodelar o próprio conteúdo ensinado.

O ensino de gramática no contexto educacional brasileiro tem sido primordialmente prescritivo, baseado nas regras da gramática normativa tida como o manual do bem falar. A língua portuguesa é na prática, muitas vezes considerada homogênea, apesar de o Brasil ser um país marcado por grandes contrastes em vários sentidos. A variedade padrão é aquela ensinada na escola, instituição que representa uma força corretiva e unificadora da língua. A despeito do que preconizam os manuais gramaticais, a heterogeneidade linguística está estabelecida no país e é influenciada tanto por fatores diatópicos, geográficos quanto por fatores diastráticos, sociais. Devido ao acesso limitado à ampla e efetiva escolarização, as diferenças linguísticas tornam-se acentuadas e cada vez mais distantes da norma culta.

De um lado, há os que defendem o respeito com relação à variedade linguística das classes populares, pois sua linguagem é considerada tão válida para a comunicação quanto à língua padrão. Por outro lado, há os que afirmam a necessidade das classes populares aprenderem a usar a variedade socialmente privilegiada, visto que a posse dessa linguagem constitui instrumento fundamental e indispensável na luta pela superação das desigualdades sociais. Mas o que gostaríamos de problematizar é que diante da variedade linguística do português, como fica a questão do ensino? Qual variedade deve ser ensinada pelo professor de Língua Portuguesa?

⁷Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

A primeira corrente expressa uma ideia muito simplista da língua, uma vez que restringe seu uso apenas à comunicação, ignorando as demais concepções de linguagem. A linguagem, além de se prestar ao ato comunicativo, configura a expressão do pensamento, sendo, sobretudo, uma forma de interação humana, política e social. É sob essa ótica que defendemos que as atividades de ensino devem oportunizar aos alunos o domínio de um sistema valorizado, ou seja, da norma padrão, sem que isso signifique depreciação da variante linguística de seu grupo social e regional de origem.

Compartilhando dessa opinião encontram-se vários estudiosos da linguagem (POSSENTI, 1992; GERALDI, 1991, entre outros) que defendem a aplicação de um ensino multilíngue, no sentido da assimilação social e integração social. Nesse sentido, a escola deve funcionar como instrumento de transformação da sociedade e o trabalho escolar deve incluir as variantes conviventes em nível de igualdade e de interesse, sem escamotear dos alunos as avaliações sociais para cada uma delas.

Podemos dizer, então, que os pesquisadores brasileiros têm uma noção bastante clara de que, em um ensino democrático, todas as variedades do português podem e devem ser trabalhadas em sala de aula e as avaliações sociais sobre cada uma delas não devem ser negligenciadas. Outro aspecto importante é que a variedade considerada de prestígio pela sociedade deve ser bem explorada, pois o conhecimento e o uso dessa variedade por parte dos alunos serão úteis na sua relação com a sociedade. A nova questão que se coloca nesse momento é a necessidade urgente de se viabilizar esse ensino em sala de aula. Em outras palavras, como auxiliar professores a implementar em sala de aula o trabalho com as diversas variedades linguísticas e como auxiliar o professor nessa nova missão?

O caminho, sem dúvida, passa pelas ciências da linguagem em seus diversos aspectos. Somente com a contribuição dos estudos linguísticos é que poderemos encontrar uma forma de melhorar o ensino de língua. No entanto, como já notado por outros pesquisadores nos cursos de Letras, de modo geral, não há uma integração nítida entre o que os alunos aprendem sobre as diferentes teorias e modos de fazer linguística e a sua atuação em sala de aula. Ou seja, os alunos egressos do curso de Letras parecem esquecer as aulas de Linguística e chegam à sala de aula sem ter uma noção clara do que deve ser ensinado aos alunos, para que serve, ou deve servir uma teoria formalista ou funcionalista da linguagem e qual a implicação de se adotar uma ou outra hipótese para o ensino de línguas.

Nesse sentido é fundamental que o professor tenha clareza das concepções de linguagem relacionadas ao ensino gramatical, pois, segundo Travaglia (2002), a maneira como se concebe a natureza fundamental da linguagem afeta profundamente o fazer pedagógico do professor de língua em seu trabalho com os alunos. O que se pode constatar é que apesar de todo o conhecimento desenvolvido pelos estudos da língua(gem) em relação às características das gramáticas do português brasileiro, por exemplo, esses conhecimentos não têm chegado à sala de aula ou não têm sido usados pelos professores como elementos de reflexão para que os alunos possam entender as diferenças entre variedades coloquiais e a variedade padrão da língua. Outro problema que parece vir ocorrendo é a mera substituição de gramáticas, da normativa, tem se passado para a descritiva, mas as atividades param na classificação, na metalinguagem. Ainda não se chegou ao ponto de usar os conhecimentos obtidos por meio das pesquisas linguísticas para despertar no aluno uma reflexão sobre o funcionamento da língua e os efeitos decorrentes da escolha de diferentes estruturas, ou dos efeitos de sentido de uma ou outra forma de uso. Ou seja, ainda não se chegou ao nível de reflexão crítica sobre a língua.

Espera-se que o aluno graduado em Letras esteja preparado para lidar de forma crítica com a linguagem, refletindo teoricamente sobre ela. Ainda de acordo com essas diretrizes, dentre as competências a serem desenvolvidas durante a formação do futuro professor estão: a) domínio do

uso da Língua Portuguesa em suas manifestações oral e escrita em termos de recepção e produção de textos; b) a reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico; c) domínio dos conteúdos básicos que são objetos dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio; d) domínio de métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino.

Saber fazer essa transposição entre os conhecimentos aprendidos durante sua graduação e os conhecimentos a serem apresentados aos alunos deveria ser uma das competências dos professores de línguas, mas parece que esse é o novo obstáculo a ser transposto pelos novos profissionais e pela universidade na contemporaneidade. Em outras palavras, o que precisa ser, de fato, explorado nesse contexto é o estudo de métodos e técnicas que sejam capazes de desenvolver os conhecimentos linguísticos dos graduandos de forma eficiente, para torná-los verdadeiramente proficientes nas diversas variedades de uso de seu idioma a fim de que a transposição didática seja realizada com segurança e clareza. Em resumo, as pesquisas linguísticas comprovam a não homogeneidade da Língua Portuguesa, os pesquisadores colocam-se a favor da presença em sala de aula das diversas variedades linguísticas existentes, mas ainda não há uma metodologia que auxilie os professores a transformar essas ideias em formas de ação pedagógica. É exatamente a construção de uma metodologia capaz de incluir essas crenças com foco voltado para a prática que deve ser trabalhada nos cursos de Letras, para que o docente ao chegar à sala de aula saiba como conciliar o ensino da variedade padrão com a reflexão sobre a língua e com a reflexão sobre as variedades linguísticas.

O desenvolvimento da concepção de educação fortalecedora implica diretamente a forma como o conteúdo gramatical deve ser apresentado em sala de aula. Especificamente em relação à metodologia de ensino de gramática, o conceito de fortalecimento é crucial no direcionamento dos métodos a serem implementados. O que se vê em manuais de ensino é que se baseiam em uma metodologia que mais se preocupa em oferecer respostas aos fenômenos linguísticos estudados e em dicas de como a língua deve ser usada do que em oferecer ao aluno a oportunidade de usar a língua, de experimentá-la de usufruí-la e de avaliar os resultados dos diferentes usos e formas linguísticas possíveis. Ao aluno deve ser dada a possibilidade de investigar a língua e as várias estruturas linguísticas que ele próprio utiliza e produz, assim como as estruturas utilizadas por outros produtores, e desenvolver conceitos que lhe sejam úteis para que possa chegar às suas próprias conclusões.

No presente artigo, apresentamos algumas discussões sobre o ensino de gramática na atualidade. A partir de uma reflexão crítica sobre os modelos tradicionais deste ensino, tentou-se mostrar que, apesar dos significativos avanços no campo das pesquisas sobre a linguagem e da constante presença dos estudos linguísticos nos cursos de graduação, parece estar havendo certa dificuldade na transposição e adequação dos conhecimentos obtidos na universidade para a sala de aula. A reflexão sobre o que deve ser ensinado e como se deve ensinar a Língua Portuguesa ainda não são elementos que estejam apresentando reflexos no ensino de gramática. Apesar de essa abordagem estar presente nas propostas curriculares dos cursos de Letras, parece ainda haver uma lacuna na formação dos futuros docentes no que se refere ao desenvolvimento de metodologias de ensino.

Referências bibliográficas

- ILARI, R. A linguística e o ensino da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
TRAVAGLIA, L. C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PROBLEMAS NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NAS ESCOLAS

Felipe Sá Freire de Vasconcellos⁸

Resumo

O presente artigo tem como objetivo criticar pressupostos do ensino da gramática normativa e da norma padrão da Língua portuguesa no ciclo básico de ensino no Brasil. A criação de novas metodologias pedagógicas dependem da apropriação por parte dos professores das teorias linguísticas contemporâneas que privilegiam diferentes formas de conceber a linguagem e a língua, com enfoque na riqueza das variantes linguísticas tanto do registro oral quanto do escrito, bem como a valorização do discurso como contexto principal das situações de comunicação.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Norma padrão. Gramática. Variação linguística. Erro.

Abstract

This article aims to criticize assumptions in the teaching of normative grammar and the standard norm of the Portuguese language in the basic education cycle in Brazil. The creation of new pedagogical methodologies depends on teachers' appropriation of contemporary linguistic theories that privilege different ways of conceiving language and language, focusing on the richness of linguistic variants both in the oral and written register, as well as the valorization of discourse as the main context of communication situations.

Keywords: Portuguese language. Standard norm. Grammar. Linguistic variation. Mistake.

Introdução

O ensino de Língua Portuguesa durante o percurso escolar básico tem sido constantemente criticado por se construir a partir de determinada definição de língua rigorosamente restrita. Essa concepção traz consigo a ideia de que a função do professor de Português é ensinar aos alunos a escrever e falar “certo”, colocando-o numa posição unilateral de apenas transferir seu conhecimento aos alunos, contudo, se considerarmos as contribuições da linguística, detectaremos diversos problemas teóricos e práticos no ensino da língua materna.

Pressupostos teóricos

Utilizaremos os textos disponibilizados pelo professor doutor Aroldo Magno de Oliveira para a disciplina *Pesquisa e Prática de Ensino II*, em especial aqueles que se debruçam sobre a reflexão da prática de ensino de Língua Portuguesa, da gramática e da variação linguística. Também acompanhados pela leitura de *Preconceito Linguístico*, de Marcos Bagno e *Por que (não) ensinar gramática na escola*, de Sírio Possenti.

Metodologia

A produção deste artigo é fruto da articulação dos textos trabalhados na disciplina *Pesquisa e Prática de Ensino II*, dos conhecimentos da linguística contemporânea e do estudo da gramática funcionalista.

⁸Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

Análise de dados

O ensino da gramática e da língua materna durante o percurso básico de ensino nas escolas brasileiras é recheado de dificuldades, problemas teóricos e metodológicos. A raiz desses problemas encontra-se na já antiga prática de privilegiar excessivamente o ensino da norma culta do Português. Caso façamos a pergunta “Para que serve o ensino da Língua Portuguesa nas escolas?”, é normal e esperado que recebamos a resposta “Para ensinar as regrinhas da gramática”. Esse processo ocorre porque muito tempo em sala de aula é investido justamente no ensino da norma culta e, como ela é profundamente diferente das variantes orais, demanda um movimento antinatural do aluno de desaprender sua forma de se apropriar da sua língua materna ao mesmo tempo que deve computar e decorar infinitas regras que não existem no Português falado. Resolver esse problema demanda muitos passos, planejamento, e reflexão crítica, sendo importante considerar que o começo desse movimento deve centrar a formação teórica dos professores.

A partir da leitura do largo material da linguística contemporânea, tendo em vista autores como Magda Soares, Sírio Possenti, Marcos Bagno e Irlandé Antunes, a importância e o conceito da norma padrão do Português passa a ser intensamente problematizado, bem como a ideia do ensino através da correção dos “erros gramaticais”. Dessa forma, é importante que os professores tenham domínio do que exatamente é a norma padrão e os motivos pelos quais ela é ensinada nas escolas. Pois a partir do momento que ela é vista como uma variante do Português e não o Português “correto”, o entendimento de “falar errado” é deixado de lado, afinal, é um grande equívoco conceitual afirmar que um falante não domina a própria língua materna. Dessa forma, a partir de uma formação teórica mais robusta e atualizada, o professor de Língua Portuguesa tem mais instrumentos para desenvolver uma prática docente mais eficiente e adequada.

As maiores contribuições da linguística para o ensino da língua envolvem diferentes formas de conceber linguagem/língua, entendendo os processos linguísticos como vivos e em constante disputa, o destaque para a variedade linguística, que abandona a hegemonia da norma padrão do Português em troca de uma infinidade de variedades de dialetos que surgem a partir de diferentes contextos de fala, geracionais, territoriais e sociais, também, finalmente, o destaque na questão do discurso como espaço principal das situações de comunicação. Apropriados desses saberes, os professores passam a ter uma interpretação mais crítica do que envolve ensinar a língua materna e seus diferentes registros.

A partir dos elementos levantados acima, ficam claras as problemáticas que envolvem o ensino da norma culta do Português nas escolas, pois privilegiá-la como a variante mais adequada do Português é não só incorreto, dado que ela é somente um registro do Português escolhido por gramáticos que procuram uma abordagem prescritiva da língua, mas também profundamente elitista, pois, a título de regra, aqueles falantes mais distantes da norma culta são marginalizados socialmente e economicamente, sendo levados a pensar que aprenderam a falar errado, embora sejam falantes normais e funcionais do Português. Contudo, sabemos que é de suma importância que os estudantes saiam da escola tendo domínio da norma padrão, pois a partir desses saberes, sua capacidade de transitar entre diferentes espaços de produção textual na nossa sociedade aumenta dramaticamente, contudo, o professor precisa entender que é esse e apenas esse o motivo de ensinar a gramática normativa.

Dessa forma, ao invés de olhar para a produção textual dos alunos como um corretor que procura erros, é importante refletir quais são as dificuldades que eles apresentam nos seus textos e quais relações eles estabelecem com o registro oral deles, por exemplo, alguém que escreve “seje” está tentando regularizar a conjugação do verbo “ser” através do processo dos verbos regulares quando conjugados no modo subjuntivo, é perfeitamente compreensível e até mesmo esperado, pois ouvimos esse tipo de construção linguística o tempo todo na fala de alguém que está adquirindo a língua materna já que ele é resultado de uma constante consulta à gramática

internalizada. Não são erros, pois são, na verdade, estruturas simplesmente inadequadas dentro do paradigma do registro da norma padrão da Língua Portuguesa.

A interpretação dessas inadequações, por parte do professor, como erros suscita uma infinidade de problemas gravíssimos. A começar, é necessário que o professor se coloque na posição de alguém que domina a língua como é de fato e a aula, por consequência, torna-se um processo de “elucidação” da massa ignorante que não sabe falar, isso, além de elitista e preconceituoso, é falso, pois docente é tão falante de Português quanto seus alunos, afinal, todos se utilizam da língua materna para se comunicar perfeitamente, a diferença está na sua capacidade de sistematizar e descrever os fenômenos linguísticos. É importante também dar enorme destaque para o fato de que vivemos numa sociedade letrada, dessa forma, a língua é a interface com que pensamos e interagimos com absolutamente tudo e todos, logo, alguém que usa a língua de forma “errada”, tem sua autoestima obliterada, visto que o domínio da norma padrão da língua materna é constantemente atrelada de forma equivocada às capacidades cognitivas do sujeito, classificando-os como burros, ignorantes. É nesse processo que a hegemonia da norma culta torna-se uma máquina de criação, desigualdade e alienação, pois coloca falantes socialmente marginalizados que possuem domínio pleno da língua como indivíduos estúpidos e grosseiros. As diferentes variantes da língua também não devem ser ranqueadas como mais ou menos privilegiadas, elas são produto da riqueza do português brasileiro e devem ser prestigiadas como símbolo da abundância cultural do Brasil.

Excluir a noção de erro pode criar a falsa concepção de que a língua é então uma espécie de vale-tudo, mas o trabalho do professor aqui é justamente mostrar que a função do falante é adequar a língua interiorizada ao contexto comunicativo, seja ele oral ou escrito. Isso, inclusive, os alunos já sabem, pois eles não falam da mesma forma no recreio e em casa, bem como também não escrevem as redações do mesmo jeito que digitam nas redes sociais e chats digitais, então basta ao docente guiar seus estudantes em direção a essa compreensão.

Assim, faz-se urgente o desenvolvimento de um ensino da língua celebratório e receptivo às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer mudanças de postura da escola, de professores e estudantes. O professor, por sua vez, precisa apropriar-se dos fundamentos teóricos desenvolvidos pela linguística contemporânea para sua reflexão pedagógica, tornando-se assim um inimigo do preconceito linguístico e da exclusão social que ele gera. O problema não é ensinar gramática normativa e a norma padrão, mas confundi-las com a própria Língua Portuguesa.

Considerações finais

É necessário formar novas metodologias pedagógicas para o ensino da língua materna no ensino básico. Para esse processo se concretizar, os professores de Língua Portuguesa precisam se instrumentalizar de teorias linguísticas que colocam em xeque as noções de erro, de que existe uma suposta hierarquia entre os diferentes registros da língua, bem como levar à problematização do ensino da norma padrão e da gramática normativa de forma acrítica e equivocada.

Referências

- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras: ABL, 1998
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2010.
- ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

USANDO A HQ PARA O INCENTIVO À LEITURA

Gabriela Mendonça⁹
Kevin Soares Turbano¹⁰

Resumo

O presente trabalho apresenta-se como requisito para obtenção de nota, referente à avaliação da disciplina Pesquisa e Prática de Ensino II, do semestre letivo 2021.2, da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do professor Dr. Aroldo Magno de Oliveira, e tem como objetivo apresentar a elaboração e a metodologia para uma possível aplicação de um projeto voltado para o ensino de leitura na Educação Básica, através do gênero textual HQ. O projeto em tela apoia-se em Freire (2018), Bakhtin (2000) e Marcuschi (2008) para a sua realização, entendendo que, através da leitura e do aprendizado, é possível empoderar os alunos, fomentando o pensamento crítico, a capacidade de criar e de dialogar. Além disso, o projeto visa a trabalhar a “História e a Cultura Afrobrasileira e Indígena” de acordo com a lei nº 11.645, de 10 março de 2008 da BNCC, propiciando aos alunos a possibilidade de expandir seus conhecimentos acerca de outras culturas que não a europeia e a americana, a fim de possibilitar, com isso, que as crianças participem ativamente do processo de criação e naturalização de outros tipos de histórias e personagens que diferem do habitual.

Palavras-chave: literatura infantil; letramento; ensino de leitura; incentivo à leitura; produção de material didático.

Abstract

The present work is presented as a requirement for obtaining a grade, referring to the evaluation of the Research and Teaching Practice II discipline, of the academic semester 2021.2, of the Fluminense Federal University, under the guidance of Professor Dr. Aroldo Magno de Oliveira, and aims to present the elaboration and methodology for a possible application of a project aimed at teaching reading in Basic Education, through the HQ textual genre. The project on screen relies on Freire (2018), Bakhtin (2000) and Marcuschi (2008) for its realization, understanding that, through reading and learning, it is possible to empower students, fostering critical thinking, the ability to to create and to dialogue. In addition, the project aims to work on “Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture” according to BNCC law nº 11,645, of March 10, 2008, providing students with the possibility of expanding their knowledge about cultures other than European and American, in order to make it possible for children to actively participate in the process of creating and naturalizing other types of stories and characters that differ from the usual.

Keywords: Children's literature; literacy; reading teaching; reading incentive; production of teaching material.

Introdução

O presente trabalho é um desdobramento das atividades desenvolvidas na disciplina de PPEII - Letras. A iniciativa deste artigo debruça-se na discussão do ensino de leitura na Educação Básica, com a intenção de oportunizar aos estudantes da rede o aprimoramento de sua capacidade de leitura, compreensão de textos, produção textual e oratória, e que, sobretudo, possam também desenvolver o pensamento crítico acerca dos espaços em que estão inseridos socialmente.

⁹Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.

¹⁰Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

E a partir destes pressupostos, discutimos as informações recolhidas para apresentar uma proposta pedagógica de execução de um projeto junto ao sexto ano, procurando refletir sobre a realidade da educação pública brasileira e as proposições pedagógicas de educação infantil.

Baseado na BNCC e na proposta de atividades para os alunos do 6º ano no segundo semestre de 2022, pensamos em trabalhar o gênero quadrinhos, utilizando uma lenda indígena e uma africana, articulando com a lei nº 11.645, de 10 março de 2008, na qual há a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O projeto “Usando a HQ para o incentivo à leitura” tem a intenção de estimular a curiosidade e atenção da criança em relação aos atos de ler e escrever, para que possa haver reações e desejos espontâneos de/para aprender, visando à falta de interesse dos alunos quanto a leitura e a bagagem que esta prática lhes proporciona. Com a finalidade de apresentar outras culturas aos discentes, para que percebam que estão cercados de uma heterogeneidade de culturas e que não existem apenas as culturas europeias e americanas, desta forma, aguçando o pensamento crítico. Assim, trabalharemos em concomitância: a leitura, a compreensão e a produção textual dos alunos, além de estimular suas criatividade na produção de uma história em quadrinho como tarefa a ser realizada.

Alicerçada nos moldes Freirianos de uma educação de empoderamento, buscamos apresentar uma aula na qual o diálogo e a participação dos alunos são essenciais, com intuito de estimular o pensamento crítico e a capacidade de dialogar nas diferentes esferas como indivíduo e desatar as amarras que o contexto social, político e histórico nos impôs e ainda impõem.

Fundamentos teóricos

Brasil (1998, p. 24) afirma que “uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos”. Sendo assim, como foi apresentado anteriormente, o projeto em questão tem a intenção de dar espaço e voz ao aluno em sala de aula, para que possa participar diligentemente de todas as atividades propostas. Faz, então, que haja o reconhecimento de que a linguagem é o objeto mais importante para a interação social e para a construção de pensamentos.

Antes de iniciarmos, devemos esclarecer as questões sobre os gêneros e as culturas. Atentamos para o fato de apenas serem veiculadas histórias literárias europeias em sala de aula, ainda hoje em dia, então, decidimos abarcar as culturas indígenas e africanas. Tomamos como base a vigente lei de nº 11.645, de 10 março de 2008, que diz ser obrigatório o aprendizado da história afrobrasileira e indígena, pois estas culturas influenciam fortemente as tradições brasileiras. Tendo em vista um resgate do que compõe a história do país, fazendo com que o aluno reconheça a si próprio. Dessa forma, há a valorização e a preservação das culturas.

Para tanto, será necessário a aplicação de um questionário aos alunos do 6º ano, a fim de concluir os níveis e desníveis de leitura dos alunos, sempre tendo em vista a objetividade das perguntas. Buscando meios de despertar no aluno o gosto pela leitura e desenvolver competências sociais e discursivas possibilitadas pela prática de leitura. Por isso, elegemos os gêneros conto e HQs para alcançarmos o nosso objetivo, já que segundo Marcuschi, a comunicação é possível a partir do gênero e do texto:

“[...] para a noção de gênero textual, predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade [...]. Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas.” (Marcuschi, 2007, p. 24-25).

O autor atenta para as formas que os gêneros podem assumir, pois podem ser adaptados de acordo com a situação comunicativa, fazendo que o discente conheça os gêneros e saiba usá-los adequadamente. Além disso, refletimos sobre o que de fato atrai a atenção deste e sobre o que seria primordial para darmos um pontapé inicial no quesito do gostar de ler para alunos da Educação Básica. O que nos levou a crer que a metodologia deve ter o objetivo de incitar as crianças a aprenderem através de um processo que deve ser desenvolvido de forma espontânea, a partir das experiências efetuadas no ambiente, que devem proporcionar a manifestação dos interesses naturais da criança, estimulando a capacidade de aprender fazendo, respeitando fatores como tempo e ritmo, personalidade, liberdade e individualidade, como afirmam Piaget e Vygotsky.

Na escola, é de suma importância a abordagem de gêneros orais e escritos, dos formais até os informais, sendo dever da instituição, priorizar e valorizar todas as formas discursivas. E segundo Kramer, “a leitura e a escrita podem, na medida em que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação dos sujeitos” (KRAMER, 1999, p. 22). Isso posto, é necessário investigar como as práticas de leitura e escrita são executadas, ou esquecidas, para entendermos a superficialidade intelectual do leitor. E que para Bakhtin (2000, p. 285), os gêneros estão vinculados às práticas sociais:

“As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. (...) Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua.”

A heterogeneidade é enorme, e que cada esfera social produz um gênero, sendo assim, é crucial notarmos que o gênero é uma prática social.

O projeto busca a formação de seres pensantes para identificarem ideologias e contextos histórico-culturais nos quais os textos são produzidos. E nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa (2009, p. 98), espera-se que os alunos:

“efetuem leitura compreensiva, global, crítica e analítica de textos verbais e não-verbais; localizem informações explícitas e implícitas no texto; produzam inferências a partir de pistas textuais; posicionem-se argumentativamente; ampliem seu léxico; percebam o ambiente no qual circula o gênero; identifiquem a ideia principal do texto; analisem as intenções do autor; identifiquem o tema; deduzam os sentidos de palavras e/ou expressões a partir do contexto; compreendam as diferenças decorridas do uso de palavras e ou expressões no sentido conotativo; conheçam e utilizem os recursos para determinar causa e consequência entre as palavras e elementos do texto; e entendam o estilo, que é próprio de cada gênero.”

E adicionando ao que foi dito,

Marcuschi diz que “[...] a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. E se adotarmos a posição de Carolyn Miller (1984), podemos dizer que os gêneros são uma “forma de ação social”. Eles são um “artefato cultural”

importante como parte integrante da estrutura comunicativa da nossa sociedade.” (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Ademais, trabalhar mais de um gênero nos proporciona a intertextualidade, evidenciando a importância das relações dos textos com textos - pois nenhum texto se encontra sozinho - e com o conhecimento de mundo (histórico) de cada aluno, mostrando a questão de subjetividade na linguagem. Para tal, Émile Benveniste (1976) afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”, podendo dizer que o ser não é inteiramente individual. E o texto não é um objeto que existe por ele mesmo, mas é constituído pela intertextualidade, que, de acordo com Marcuschi (2008, p. 132), é “um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discurso e não como algo isolado”. Por esse motivo, decidimos mostrar aos alunos que os textos podem manter uma comunicação entre si e que seus sentidos se complementam. Por conseguinte, a atividade de reescrita de um gênero a outro é de grande importância para uma maior aquisição de saber e domínio quanto ao uso dos vários gêneros existentes na língua.

E concluímos que, com base em tudo o que foi apresentado, as leituras, produção e compreensão são fatores ímpares para a construção do saber, da identidade do sujeito e de seu letramento. Vale ressaltar que se faz necessário um novo método de aplicação destes, pois “a consideração desses recursos da coesão lexical, sem dúvida, propicia ao ensino das línguas reorientações bem mais significativas para a reavaliação e o tratamento de algumas questões textuais” (ANTUNES, 2009, p. 147). O objeto de estudo da disciplina Língua Portuguesa é o texto. não o usar é esvaziar a ligação do conhecimento científico com a vida cotidiana e saber fazer escolhas textuais que contemplem diversos grupos sociais é praticar a democracia em sala de aula.

Metodologia

Como foi mencionado acima, o nosso projeto intitulado *Usando a HQ para o incentivo à leitura* será direcionado ao 6º ano do Ensino Fundamental II. Para realizarmos a aplicação, precisaremos de 4 tempos de 40 minutos cada, totalizando 3 horas. Esse tempo será gasto em sala de aula. Ainda, é importante dizer que tal atividade será realizada com o auxílio de cópias coloridas das HQs para a leitura dos alunos e data show para visualização dos materiais e de um vídeo sobre como fazer uma HQ e de uma HQ em vídeo, preservando, assim, as suas características visuais e sonoras (do vídeo).

Na primeira etapa, apresentaremos o projeto à turma. Colocaremos a turma em roda, para que a aula seja diferente do habitual. Em seguida, exporemos alguns tipos de HQs, para que vissem que não existem apenas a HQ da Turma da Mônica, como a escola sempre trabalha com os alunos, a fim de mostrá-los que as histórias abordadas nas HQs não são apenas as de super-heróis e da Turma da Mônica, e que podem ter estruturas diferentes das que sempre veem. Por fim, distribuiremos fotocópias coloridas que falam da composição e dos elementos que compõem uma história em quadrinhos.

Na segunda etapa, será necessária a retomada do assunto da aula anterior, com auxílio do datashow e dos slides, com o intuito de tornar a aula dinâmica e de lembrá-los dos recursos utilizados nas HQs. Por conseguinte, perguntas sobre os personagens que os alunos costumam ver nas histórias em quadrinhos, para se questionarem sobre o apagamento da identidade de outro que não seja o europeu. Depois, leremos os textos com a participação dos alunos, oralmente, em sala e sem a formatação de roda. Posteriormente, levantaremos junto aos alunos questionamentos acerca da lenda que foi apresentada e das contribuições indígenas presentes no Brasil. Dessa forma, conferimos abertura a um debate a respeito da ascendência dos alunos e, com isso, conversaremos sobre as raízes indígenas presentes no nosso dia a dia. E, assim, mostrando-lhes que somos todos, uma mistura de várias raças e etnias, que temos traços indígenas, africanos e europeus, que somos todos iguais e diferentes simultaneamente. Por fim, faremos uma atividade, em que deverão

preencher os balões vazios de acordo com o modo que interpretaram as imagens da folha. Assim, poderemos realizar uma análise da apreensão dos alunos acerca dos conteúdos.

Na terceira e última etapa, buscaremos ilustrar umas HQs e apresentar uma em vídeo, para que os alunos entendam melhor a composição desta. Logo após, reproduziremos um vídeo dos passos necessários para se pensar e criar uma HQ, passando-lhes a noção de como fazer a deles. Para fechar a aplicação do projeto, entregaremos folhas brancas A4 aos alunos e pediremos para que cada aluno produza a sua própria história em quadrinhos, com o tema “criação do mundo” ou livre, com base nos conteúdos transmitidos durante as aulas. A atividade proposta teve o intuito de explorar a escrita, criatividade e subjetividade dos alunos.

Considerações finais

A partir do que foi exposto, pensamos em um projeto que pudesse trazer uma nova proposição de ensino de leitura, cultura e produção textual, em que os alunos se sintam livres para exporem seus pensamentos, terem total rendimento e conseguirem obter um pensamento crítico em relação à sociedade em que vivem. Atentamos para a necessidade de constante inovação quando se trata do ensino de leitura e produção textual. As atividades precisam fazer parte da realidade na vida dos sujeitos em questão e ajudá-los a construir sua identidade.

Nosso objetivo foi abordar a presença de outras culturas presentes no espaço em que vivem, de forma a incentivar ludicamente a leitura, utilizando assim a HQ, que possui linguagem simples e carregada de linguagem não verbal, o que facilitou a compreensão do conteúdo, por ser o gênero mais lido pelos alunos. Tendo em vista tudo o que foi dito, considero que, mesmo com todos os obstáculos que serão enfrentados, nós saberemos trabalhar em meio à adversidade tão presente na vida do professor. E que, apesar de tudo, conseguiremos apresentar para esses estudantes novos saberes e incluir novas identidades no contexto escolar.

Além disso, é possível concluir que uma educação de qualidade está além do quadro branco, é através do diálogo e da exposição de diferentes culturas que construímos um pensamento crítico acerca da sociedade em que vivemos. Incentivar a criatividade é também uma maneira de desconstruir os moldes fabris implementados nas escolas há décadas e que está fadado ao declínio, pois defendemos uma escola pública de qualidade, que mesmo permeada por tantos desafios precisa ser erguida e adequada à realidade dos alunos e que assim faça sentido para eles.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Língua, texto e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de linguística geral*, vol I. São Paulo: Companhia Editora Nacional e EdUSP, [1958] 1976.

BRASIL. Lei n.11.645, de 10 de março de 2008. Obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira e indígena. Brasília, DF, mar. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e Ensino*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *Ensino de História e Diversidade Cultural: Desafios e Possibilidades*. Cadernos Cedes, Campinas, 2005.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso ensinar letramento?* São Paulo: REVER - Produção Editorial, 2005.

KRAMER, Sônia. “*Leitura e escrita como experiência - notas sobre seu papel na formação*”. In: ZACUR, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 1999.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

EDUCAÇÃO, de Ministério. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Roberto. *Aplicações da história em quadrinhos*. São Paulo: Comunicação & Educação, 2001.

SILVINO. *A Iara, uma lenda indígena em quadrinhos*. São Paulo: Nemo, 2014.

SOLER-PONT, Anna, *O príncipe medroso e outros contos africanos*; Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: APONTAMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Helen Martins de Lima¹¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o ensino de Língua Portuguesa baseado na observação de entrevistas realizadas com professor e aluno da educação básica, buscando como base visões teóricas sobre ensino e aprendizagem. Durante essa análise, busca-se comparar e refletir sobre o ensino e a educação no Brasil.

Palavras-chave: Ensino; Língua Portuguesa; Educação básica.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la enseñanza de la lengua portuguesa a partir de la observación de entrevistas realizadas a profesor y alumno de la educación básica, buscando como base puntos de vista teóricos sobre la enseñanza y el aprendizaje. Durante este análisis, buscamos comparar y reflexionar sobre la enseñanza y la educación en Brasil.

Palabras clave: Enseñanza; Lengua Portuguesa; Educación Básica.

Introdução

O presente artigo teve como objetivo refletir sobre a variação linguística e sua relação com o ensino de Português e como isso é abordado na Educação Básica, como a constante mudança da língua pode influenciar no seu ensino. Como também os papéis do aluno e do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, serão adotadas duas abordagens principais, a bibliográfica, com a leitura dos textos teóricos “Preconceito lingüístico – o que é, como se faz”, do autor Marcos Bagno e “Aula de português: encontro e interação”, de Irandé Antunes e também será realizada uma pesquisa de campo com o intuito de coletar dados, através de entrevistas.

Uma língua viva e uma educação viva

Vivemos em um mundo de transformações, onde nada é imutável e tudo se modifica. Com nossa língua, como tudo que está relacionado ao ser humano, e não é diferente; Ela está sempre em constante movimento e sendo assim, a linguagem sofre mudanças e variações a todo instante.

Autores como Bagno (2002) trazem em suas obras uma visão mais ampla sobre a variação linguística e as mudanças que ocorrem constantemente em nossa língua. Segundo ele, mesmo que grande parte da população brasileira fale Português, nota-se uma grande variedade linguística presente na língua devido a fatores sociais, históricos e também sua grande extensão territorial.

¹¹Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. (BAGNO, 2002. p. 16)

E mesmo sendo apresentada essa grande variedade de uso da Língua Portuguesa, ainda é observado um ensino padrão em escolas de um único uso como sendo o correto, o que, para Bagno (2002), é um dos pontos que levam à fomentação do preconceito linguístico.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. (BAGNO, 2002. p. 18)

Assim, não há como pensarmos em uma língua viva e em constante movimento sem pensarmos em um ensino igualmente vivo e que não se estagna. Essa aprendizagem evoluiu através do processo comunicativo, uma troca entre a língua e o contexto em que o aluno se encontra, mostrando-nos assim que há uma necessidade de interação, assim como vemos em Antunes:

"Assumo, portanto, que o núcleo central da presente discussão é a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas materializadas em textos orais e escritos."

Aluno e professor no processo de ensino-aprendizagem

A teoria vygotskyana nos apresenta a ideia do aluno exercendo a tarefa cognitiva de aquisição/aprendizagem mediado pela interação, onde seu meio social irá impulsionar seu processo de aprendizagem e segundo Vygotsky:

"A relação entre o homem e o mundo passa pela mediação do discurso, pela formação de idéias e pensamentos através dos quais o homem apreende o mundo e atua sobre ele, recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele-homem, e funda a sua própria palavra sobre esse mundo." (Vygotsky, 2000. p. XII)

Ao atentarmos ao quão significativos são o contexto social do aluno e sua visão de mundo, como também o quanto interfere no seu aprendizado, conseguimos compreender a importância de inseri-los no seu processo de aprendizagem dando a ele uma forma de internalizar melhor o conhecimento ao qual ele é exposto.

Neste ponto de vista, vale ressaltar que Antunes traz como o "protagonista" no ensino da língua o próprio aluno. As experiências e o conhecimento de mundo dele é que devem dar a base para o ensino da língua, de forma que ele se sinta atraído a estudar por seu interesse e não como um protocolo escolar, o ensino deve aproximá-lo do português por afinidade, indo além da sala de aula e integrando-se ao dia a dia do aluno e não afastá-lo como peso da obrigação, que é o que muitas vezes ocorre.

"O importante é abandonar a escrita vazia, com palavras soltas, de frases inventadas que não dizem nada porque não remetem ao mundo da experiência ou da fantasia dos alunos."

Então, ao nos basearmos na entrevista feita ao aluno do 3º ano do Ensino Médio, observamos que a principal dificuldade é o aluno reconhecer-se como agente ativo da sua própria aprendizagem. Necessitando que esse papel seja garantido e estimulado pelo professor.

Seguindo este pensamento, temos a figura do professor não mais como o detentor de todo o conhecimento, que ao longo do tempo vai o depositando no aluno como um mero receptáculo, mas sim um professor que tem a função de mediar o aluno na sua aprendizagem, direcionando-o e auxiliando-o durante todo o processo. O que é salientado por Antunes, ao apontá-lo como aquele que deve garantir ao aluno acesso a oportunidades que o levarão a experiências ainda não alcançadas.

Em suma, o fundamental é que o professor garanta ao aluno a oportunidade de enfrentar o desafio da leitura, da escrita, da escuta, da fala, (do conversacional cotidiano à fala formal), com todos os gostos e riscos que isso pode trazer. Só assim ele há de chegar à experiência comunicativa inteiramente assumida, com a autoconfiança de que somos capazes de exercer, também pelo linguístico, a cidadania que nos cabe por pleno direito. (ANTUNES, 2003)

Assim, ao abordarmos o tema na entrevista com o professor da Educação Básica, atentamo-nos também às dificuldades que o professor enfrenta para que possa cumprir seu papel com excelência, tendo muitas vezes que depender do direcionamento da coordenação da instituição de ensino, assim como não tendo suporte e recursos necessários para realizar seu trabalho.

Considerações finais

Portanto, podemos concluir que uma língua, como a Língua Portuguesa, que está em constante transformação necessita de um ensino que se renove constantemente, sempre se adaptando às mudanças, baseado na interação e contexto social de cada aluno. Tendo assim, o aluno como principal agente do seu processo de aprendizagem e o professor como o mediador entre o aluno e o conhecimento, sendo o agente facilitador nesse processo, ambos com um papel importante que precisa ser valorizado.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico – o que é, como se faz. 15 ed - Loyola: São Paulo, 2002.
ANTUNES, Irandé. Aula de português, encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.
Vigotsky, Lev Semenovich, 1869-1934. A construção do pensamento da linguagem / L. S. Vigotski ; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo : Martins Fontes, 2000. - (Psicologia e pedagogia).

A IMPORTÂNCIA DA PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Isabela Ritter Rocha Almeida¹²

Resumo

Existem vários fatores que explicam por que a sociolinguística é uma das metodologias mais importantes no ensino de línguas. A principal preocupação da sociolinguística é: a linguagem em uso, ou seja, como a linguagem é um produto social. O discurso, ou melhor, as formas de produzir um discurso, é, portanto, um fator de grande interesse e relevância máxima para estudantes de Língua Portuguesa e para aqueles que buscam aprimorar seus métodos de ensino. O objetivo deste texto é permitir reflexões acerca da aplicação de metodologias que levem em consideração o fator sociolinguístico no ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract

There are several factors that explain why sociolinguistics is one of the most important methodologies in language teaching. The main concern of sociolinguistics is: language in use, that is, how language is a social product. The discourse, or rather, the ways of producing a discourse, is, therefore, a factor of great interest and maximum relevance for Portuguese language students and for those who seek to improve their teaching methods. The objective of this text is to allow reflections about the application of methodologies that take into account the sociolinguistic factor in the teaching of Portuguese Language.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic variation. Portuguese Language Teaching.

Introdução

Existem diversas formas de se reprodução da língua. Por exemplo: diferentes ambientes sociais que utilizam diferentes variantes linguísticas, que, dependendo da situação ou modalidade, exigem diferentes fatores pragmáticos, que incluem diferentes níveis de polidez e registros. Além disso, a linguagem muda geograficamente, o que levanta a questão: qual variante ensinar?

A língua como uma atividade social deve ser lida e praticada como tal. As esquematizações e criações de normas perdem cada vez mais espaço em um mundo multicultural que prioriza a comunicação. Precisa-se pensar em até que ponto a norma culta serve como um instrumento de institucionalização do preconceito linguístico, mesmo que indiretamente e sem o propósito de ser tida como tal. A prática pedagógica necessita de uma revolução que quebre essa estrutura arcaica e repercutida dentro de um ambiente cujo papel é social, a escola.

Pressupostos teóricos

Não é novidade que a variação linguística, além de revelar a pluralidade de um povo, em alguns contextos, como o brasileiro, revela também a desigualdade e o preconceito enraizado nos falantes de uma dada língua. A noção laboviana sociolinguística explica-nos que o tratamento diferenciado entre falantes não é justificado na língua e nas palavras em si, mas nos indivíduos que utilizam a língua dentro de um patamar social específico. Se alguém se encontra no mais alto cargo social e é possuidor dos mais variados privilégios que a sociedade pode lhe oferecer, sua variante

¹²Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

linguística é considerada legítima, não importa quais marcadores ou indicadores você use, o indivíduo é quem dita o prestígio linguístico. O contrário é verdadeiro. Quanto menos prestígio social você tiver, menos prestigiada será a variante da língua a qual você utiliza, não importam quais sejam os marcadores e indicadores, essa é uma análise posterior.

Discussão

Para Le Page e Tabouret-Keller (1985:14) o comportamento linguístico é "uma série de atos de identidade em que as pessoas revelam tanto sua identidade pessoal quanto sua busca por papéis sociais". Tal pensamento leva-nos a refletir sobre a importância da interação no processo de aprendizagem. Cada aluno tem uma bagagem de conhecimentos linguísticos acumulados ao longo dos anos. Uma sala de aula que prioriza a ocorrência natural dos discursos e proporciona o diálogo colaborativo não apenas capacita os alunos a produzirem a língua de forma orgânica, mas também provoca uma aprendizagem multicultural e interacional. Tais interações ocorrem entre: aluno-aluno e aluno-professor, com suas respectivas contribuições pessoais. Assim, temos a perspectiva sociolinguística não apenas como um tema a ser ensinado e inserido no conteúdo de uma aula de língua, mas também como a abordagem da própria aula.

Conclusão

Por que se ater a uma variante, ou a uma função comunicativa específica e não diversificar e multiplicar o aprendizado, tornando nessa experiência o ensino e o aprendizado mais interessantes e condizentes com os desejos e objetivos de seus alunos? A perspectiva sociolinguística deveria ser aquela em que o ensino de Língua Portuguesa é baseado, ou pelo menos deveria ser tido como uma de suas abordagens. Respondendo à pergunta feita no início deste texto, a variante a ser ensinada deve ser aquela usada em diferentes regiões, aquela usada em situações formais e informais, em situações escritas e faladas, em negócios, propagandas, religião, etc. A variante aplicada/estudada deve ser não só a dos alunos, mas também a do professor. Ou seja: todas elas.

Referências

LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press. 1972
LE PAGE, R. B. & A. Tabouret-Keller. Acts of identity. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL DE 2022

João Carlos Pinho Pereira¹³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo ser um breve estudo a respeito do ensino de literatura segundo a Base Comum Curricular do Ensino Médio e sua relação com o Exame Nacional do Ensino Médio, refletindo sobre o peso e a forma como o aspecto literário é tratado dentro do ensino de Língua Portuguesa nas escolas e sobre como o ENEM avalia conhecimentos literários.

Palavras-chave: Ensino; Literatura; BNCC; Ensino Médio; ENEM.

Abstract

The present work aims to be a brief study about the teaching of literature according to the Common Curricular Base of High School and its relationship with the National High School Exam, reflecting on the weight and the way in which the literary aspect is treated within the teaching Portuguese in schools and on how ENEM assesses literary knowledge.

Keywords: Teaching; Literature; BNCC; High school; ENEM.

Introdução

Com a reforma do ensino médio (2017) e a homologação da BNCC foram estimulados 5 itinerários formativos, entre esses consta “Linguagens e suas tecnologias” que como resume o próprio site do Ministério da Educação (2022) deve abranger as “competências específicas de Linguagens e suas tecnologias”, “habilidades da área” e “habilidades de Língua Portuguesa”. Sem mencionar a palavra literatura, o ensino da mesma fica incluído nessa perspectiva como um ensino que se resume à prática de interpretação de texto em um modelo fechado de interpretação e a decorar informações resumidas sobre os aspectos histórico-formais dos movimentos literários. No antigo formato do ensino médio já foram apresentadas muitas críticas à colocação que se dá ao ensino da literatura em escolas públicas, agora, no entanto, parece haver um retrocesso quanto ao estímulo das sensibilidades artísticas que a literatura pode promover e a priorização de um conhecimento técnico que não contempla toda potência atestada pelas artes na vida humana.

Conforme Geraldí (1996):

O ensino tradicional de língua portuguesa investiu, erroneamente, no conhecimento da descrição da língua supondo que a partir deste conhecimento cada um de nós melhoraria seu desempenho no uso da língua. Na verdade, a escola agiu mais ou menos como se para aprender a usar um interruptor ou uma tomada elétrica fosse necessário saber como a força da água se transforma em energia e esta em claridade na lâmpada que acendemos. (GERALDI, 1996, P. 71-72)

Uma grande questão que se coloca é a dependência do ensino de Literatura da matéria de Língua Portuguesa, que inclui também o ensino de Gramática da Língua Portuguesa, que além de dividirem uma disciplina, não têm o peso de tempo distribuído igualmente, sendo o ensino de gramática priorizado e tendo pouco ou nenhum ponto de contato epistemológico entre os dois tópicos, de modo que na prática são duas matérias distintas, em que gramática recebe mais tempos

¹³Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

de aula e literatura alguns menos. Isso quando algumas escolas não apresentam uma divisão demarcada entre as duas: um professor diferente para cada uma das aulas.

Há uma carência quando na utilização desses conhecimentos em uma prova para o vestibular, mesmo que no conteúdo objetivo não se apresente um número fixo de questões sobre literatura. O aprendizado desse conteúdo fica comprometido por ficar diluído justamente em Linguagens e suas tecnologias. Ao analisarmos as últimas provas do ENEM podemos chegar a uma variante de 7 a 10 questões diretamente ligadas à literatura, ainda que nisso se incluam os tópicos: figuras de linguagem, funções de linguagem e interpretação de texto, que embora façam sim parte da constituição do que é literatura, tem, no formato fechado e objetivo da múltipla escolha, uma série de controvérsias, principalmente no que diz respeito às margens geradas pela interpretação de um texto.

Texto

A literatura na escola pública apresenta antes de tudo um desafio quanto à necessidade evidente que esse aprendizado gera que é o de estimular a leitura e o consumo de literatura com alguma frequência cotidiana, algo que não é natural para boa parte dos estudantes. A tão somente obrigação de ler o livro para realizar provas e outros tipos de avaliação não se faz eficaz, primeiro porque a leitura é por obrigação, da forma como é colocada gera uma indisposição no aluno ao tentar ler o livro que está longe de um campo de fruição, segundo porque hoje com o advento da internet, a quantidade de informação sintetizada sobre os livros em enciclopédias virtuais faz com que seja possível realizar uma prova sem realmente ter lido o livro, pulando o “trabalho” de lê-lo por inteiro e captando somente as partes principais do enredo. Esse segundo ponto atesta não somente uma falta de vontade e também de foco dos alunos para leitura, mas também de que há uma deficiência de abordagem no que diz respeito a forma do texto, e não somente isso, de levar em conta o texto como parte inerente ao conteúdo. Quando isso ocorre, geralmente é feita de um modo técnico que é aproximado de um conteúdo gramatical, ao fazer o aluno adquirir a competência de identificar figuras de linguagem etc, ainda que haja pouca reflexão da intenção e do efeito provocado pelo uso dessa tecnologia. O aspecto fenomenológico que é fundamental à absorção de qualquer obra artística é ignorado. O tecnicismo é uma forma de ensino pragmática e a subjetividade do aluno e das obras ficam muitas vezes assoladas, não pelo professor enquanto indivíduo, mas pelo sistema de ensino. O aprendizado é tão somente o aprendizado, uma absorção de *informação*, algo que não basta para captar toda potência da literatura e da arte em geral, que estão também no reino da sensibilidade.

Tradicionalmente, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil se volta para a exploração da gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva (quando se impõe um conjunto de regras a ser seguido, do tipo concordância verbal e nominal) e também analítica (quando se identifica as partes que compõem um todo, com suas respectivas funções, do tipo funções sintáticas dos termos da oração, elementos mórficos da palavra). (BEZERRA, 2002, p. 38)

Deste modo, antes de tudo, é preciso revisar as bases do ensino literário, e do ensino escolar de uma forma geral, percebendo que a necessidade humana de fazer fruir outras formas de relação com o conhecimento é asfixiada por um esquema de ensino tecnicista, que tem sua origem em uma lógica capitalista que tem como fundo ideológico a ideia de que é necessário aprender para produzir e converter essa produção em capital. Parte do que a escola pretende, ainda que não se deva desconsiderar que é um campo em disputa, é mitigar a sensibilidade e os tipos de inteligência que não sirvam a esse propósito. Porém, quando se trata da arte e da cultura de um modo mais amplo, campos que não tem essa funcionalidade prática, ainda que sejam necessários para a sobrevivência humana, é relegado esse papel mínimo, em que é apresentado de modo pouco convidativo em seu modelo tradicional, que pouco conversa com o cotidiano dos estudantes,

esperando que os mesmos busquem, ou não, por sua própria força de vontade estabelecer uma conexão mais intensa com a linguagem artística em questão. O ensino e o estímulo à sensibilidade literária então acabam sendo realizados de algum modo significativo por um trabalho de professores que realizam um esforço hercúleo para contrariar as balizas do próprio sistema educacional do qual são servidores. Uma mudança total desse sistema de ensino só se daria com uma mudança do próprio sistema do qual é reflexo.

Tomando ciência dessa realidade cabe a nós, educadores da escola pública formal, uma tomada de posição. Estamos de acordo com este modelo econômico e este modelo é capaz de garantir a emancipação humana, que é, ou pelo menos deveria ser, princípio fundamental da educação para os trabalhadores? (FREITAS, p. 100)

De todo modo, é possível haver progressos significativos através da reivindicação de uma base curricular mais sensível aos diferentes tipos de inteligência e formas de aprendizagem menos engessadas, enquanto não ocorre uma mudança total no sistema e é o que devemos buscar como forma de conscientizar para que se chegue a um ponto de reflexão pelos próprios estudantes que permita a eles mesmos, que já se deparam conscientes dos problemas da escola, entenderem e se empoderarem dos mecanismos de contestação e instrumentos de mudança para que aliados a seus professores realizem uma nova e emancipatória forma de educação e sociedade.

Bibliografia

- BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Org.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 37-46
- FIORIN, J. L. Linguagem e ideologia. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 26 – 36.
- FREITAS, Luís Carlos (org.). Reflexões sobre a luta de classe no interior da escola pública. SP: Expressão Popular, 2008.
- GERALDI, João W. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB, 1996. p. 71-72.

A FLOR COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA: A POESIA NA PRÁTICA DOCENTE

Karine de Mesquita Vargas¹⁴

Resumo

Tomando o contexto geral do ensino de Língua Portuguesa nas escolas, até mesmo naquelas em que não há divisão entre Língua e Literatura e que partem do texto para qualquer análise ou discussão, observa-se que a poesia tem lugar preterido, seja porque os currículos considerem de maior relevância os demais gêneros, literários ou não, seja porque existe certa ideia equivocada, tanto por parte de alguns professores quanto de alguns alunos, de que os poemas têm um caráter hermético e que somente os mais ilustres dos letrados têm o direito de lê-los e são capazes de interpretá-los.

Palavras-chaves: Poesia; Literatura; Residência Pedagógica.

Abstract

Taking the general context of teaching Portuguese in schools, even in those where there is no division between Language and Literature and which start from the text for any analysis or discussion, it is observed that poetry has a neglected place, either because the curriculum consider the other genres, literary or not, are more relevant, either because there is a certain misconception, both on the part of some teachers and some students, that the poems have a hermetic character and that only the most illustrious of the literate have the right to read them and are able to interpret them.

Keywords: Poetry; Literature; Pedagogical Residency.

Introdução

Este trabalho é o resultado do estágio de observação realizado entre os meses de setembro e novembro de 2018 e janeiro de 2020 no CIEP 246, sob a supervisão da professora Renata Santiago, pelo Programa Institucional Residência Pedagógica. As turmas acompanhadas no período foram o oitavo e o nono ano do Ensino Fundamental, nas aulas de Língua Portuguesa (que, é importante apontar, trabalha tanto com literatura como com língua) e de Produção Textual. O que motivou esse projeto foi o afastamento que a população brasileira em geral tem de uma leitura autônoma, exterior à escola, sobretudo de poemas (que são, geralmente, mais curtos e, portanto, mais possíveis de serem lidos no mundo corrido em que vivemos). O projeto ancorava-se em três textos de gêneros diversos que se relacionam num mesmo eixo temático, a partir dos quais foram discutidos temas históricos em momentos de grandes opressões, relacionando-os ao contexto atual por nós vivido. Após tomada a ideia de textos que orbitam num mesmo eixo temático, foi pedido aos alunos que escolhessem um eixo temático e pesquisas de textos que se relacionassem a partir de determinado eixo. Finalmente, os alunos produziram textos relacionados ao eixo escolhido.

Fundamentação Teórica

A democratização do acesso à escola no Brasil permitiu que populações periféricas, historicamente marginalizadas, conseguissem ingressar no ensino básico no país. De fato, de acordo com os últimos dados divulgados¹⁵ 91,5% das crianças entre 4 e 5 anos estavam matriculadas em 2016, 97,8% das que têm entre 6 e 14 anos em 2017 e 91,3% dos adolescentes entre 15 e 17 anos

¹⁴Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

¹⁵ Com dados divulgados pela Agência Brasil (TOKARNIA, 2018).

em 2017.

No entanto, conforme afirma Britto (1997a, p. 174), “a forte expansão quantitativa da educação formal de primeiro e segundo grau e a democratização do acesso à escola, não foi acompanhada da reelaboração dos métodos e conteúdos”, apesar do investimento feito por governos desde o de Juscelino Kubitschek para que todas as camadas da população brasileira tenham acesso à escola. O acesso à educação de facto sempre foi limitado, dado que as metodologias hegemônicas consideram homogênea a população brasileira, deixando de lado quaisquer diferenças entre os alunos.

A metodologia comumente usada no ensino de Língua Portuguesa sempre foi distante da maioria dos alunos e sobretudo dos novos alunos cuja matrícula foi possibilitada pelo processo de democratização do acesso à escola. Pretender ensinar uma regra gramatical que sequer é usada no português falado (e algumas que nem mesmo no português escrito); privilegiar uma variedade que se diz culta e estigmatizar aquela que o aluno traz consigo; usar textos descontextualizados e artificiais; seccionar a chamada Língua Portuguesa, em que se ensina gramática, e a Literatura... Essas práticas pedagógicas tornam ineficiente¹⁶, o ensino de Língua Portuguesa e fazem com que seu único fim seja a memorização de metalinguagem para exames, além de reforçarem preconceitos e opressões contra as classes cujas variantes são socialmente estigmatizadas. Tudo isso resulta, no aluno afastado ao máximo da leitura. Dada a ineficiência e a ausência de finalidade no ensino tradicional de Língua Portuguesa, isto é, aquele que privilegia a metalinguagem em detrimento do texto, percebe-se necessário inverter esse paradigma: pensar a língua a partir do texto, compreendendo suas relações internas, seu contexto de produção, suas finalidades, e, caso haja necessidade, recorrer à descrição linguística (e.g., discutir o efeito que se tem ao usar um dado pronome ou um substantivo e, para isso, explicar o que é um pronome e um substantivo).

A leitura, no entanto, não se deve reter em sala de aula, antes, deve fazer parte do conjunto de práticas cotidianas do aluno mesmo depois de finalizada sua formação básica. Michele Petit (2008) registra uma lista de razões que justificam a importância da leitura na vida cotidiana de todas as pessoas, quais sejam: i) o acesso ao saber, a possibilidade de termos aproximação de um conhecimento formal por meio da leitura; ii) a apropriação da língua, o alcance às variedades privilegiadas da língua que são geralmente usadas nos textos escritos¹⁷; iii) a construção da identidade, o uso de palavras e de pensamentos alheios para o autoconhecimento; iv) a fruição, a possibilidade que o livro dá de ser usado e o abrigo que ele nos é; v) a inclusão, a aproximação de culturas diferentes e a possibilidade de conhecer outras culturas ou mesmo de melhor conhecer sua própria cultura; e vi) o círculo de pertencimento amplo, a evidência do fato de que somos todos seres humanos, independentemente de seu local (material ou social)¹⁸.

Metodologia

O projeto foi dividido em três momentos, preenchendo integralmente três ou quatro — consoante a quantidade de alunos — dias de aula (duas aulas de 50 minutos cada). Como o projeto

¹⁶ Cf. BRITTO, 1997, em que o autor discute a ineficiência do ensino tradicional e das ilusões que ele acaba criando.

¹⁷ É importante notar que o ensino de Língua Portuguesa deve seguir em duas direções: reconhecer que existe, sim, uma variedade da língua que é privilegiada e lutar contra o estigma e o preconceito que sofrem as demais variedades, mas ensinar, também, essa variedade privilegiada às populações periféricas para que tenham acesso a lugares que lhes são negados.

¹⁸ Essas razões, no texto de Petit (2008), não têm os nomes que aqui se dá, antes são títulos de subcapítulos; originalmente são, respectivamente, os subcapítulos “ter acesso ao saber” (ibid., p. 61), “apropriar-se da língua” (ibid., p. 66), “construir-se a si próprio” (ibid., p. 71), “um outro lugar, um outro tempo” (ibid., p. 78), “conjugação das relações de inclusão” (ibid., p. 86) “círculos de pertencimento mais amplos” (ibid., p. 93).

trabalha com diversos gêneros textuais e com temas pertinentes a pessoas de qualquer idade, pode ser aplicado em qualquer turma.

No primeiro momento, as cartelas foram dispostas em círculo, houve também a distribuição de uma folha para cada aluno com três textos, o primeiro dos quais era o poema A flor e a náusea de Carlos Drummond de Andrade; o segundo, a canção Pra não dizer que não falei de flores de Geraldo Vandré; e o terceiro, a fala de Marielle Franco, todos constam no anexo.

Após a distribuição das folhas de papel, foi lido o primeiro dos textos: o poema; em seguida, foi reproduzida a canção e, por último, a fala. Findadas as leituras, foram debatidos a forma e o conteúdo dos textos, as perguntas e questionamentos que nortearam o debate entre os alunos e o professor enquanto mediador.

O primeiro objeto do debate foi a forma do poema; deve-se relevar algumas de suas características, como a inexistência de rimas ou de alguma forma fixa, como ocorre em sonetos, por exemplo; a aproximação da estrutura do poema com a de um filme, em que há cortes secos de uma cena para outra; a alternância focal (se em um momento o foco é o eu poético, no seguinte, é a cidade); etc

Em seguida, discutimos o poema, verso a verso. Finalmente, foi associado o conteúdo do poema ao dos demais textos. Pedimos aos alunos que identificassem o eixo temático presente nos três textos — a flor como símbolo de resistência — e perguntamos o que acham que significa resistência, o que eles identificavam como atos de resistência e se acreditavam que alguma de suas ações constitui o que definimos como resistência. Foi contextualizada a produção de cada um dos três textos — o primeiro, no período da Segunda Guerra Mundial; o segundo, sob a censura da ditadura militar brasileira; o terceiro na história recente do Brasil.

Finalmente, fora pedido aos alunos que se agrupassem em dois ou três, escolhessem um eixo temático e pesquisassem entre dois e quatro poemas ou canções (sendo pelo menos um deles, poema) que se encaixassem no eixo escolhido. Foram dadas algumas sugestões de eixos temáticos, como: o amor, o nacionalismo, a cidade, o medo, a morte etc, mas foi explicado que poderia haver outros temas além dos sugeridos. Além disso, foram sugeridos os livros ou sites em que os alunos pudessem pesquisar os textos.

O último dos momentos foi a produção de um texto escrito por cada um dos alunos que se relacionam com o eixo temático selecionado por seu grupo. O texto poderia ser um poema, um conto, uma crônica, uma canção, um argumento ou uma notícia (verdadeira ou inventada). Apesar dessa limitação de gêneros a que foi condicionado a produção do texto, poderiam ser utilizados outros gêneros. A produção do texto foi anunciada quando finalizamos a leitura dos poemas e deveria ser entregue duas semanas após. Novamente, a semana seguinte à do anúncio da produção dos textos serviu para apresentações preliminares e orientações. Tomando a ideia de que qualquer texto é produzido com a finalidade de ser lido, e não de ser meramente avaliado — afinal, nenhum dos autores que aqui utilizados produziram seus textos para que fosse corrigida sua ortografia ou gramática —, os textos dos alunos, bem como os textos selecionados, foram dispostos em um mural na escola.

O cronograma para aplicação deste projeto foi organizado da seguinte maneira:

- Dia I – Leitura dos textos, seguida de discussão sobre seu conteúdo;
- Dia II – Apresentação preliminar das pesquisas e orientações;
- Dias III e IV – Apresentação dos textos selecionados;
- Dia V – Apresentação preliminar dos textos produzidos e orientações;
- Dia VI – Entrega final dos textos produzidos e produção do mural.

Resultados esperados

Tratando-se o poema por um gênero literário dotado de uma riqueza imensa, devido às suas especificidades linguísticas e ao seu valor estético, com o uso do texto poético, conseguimos alcançar como resultado o desenvolvimento da escrita criativa dos alunos. Porém, para além desse resultado, esperamos que esse projeto tenha apresentado algum significado para a vida dos alunos, assim como foi de grande importância para nós, futuros professores. Através de uma perspectiva de construção de conhecimentos mútuos, em momento algum intencionamos limitar-nos a transmitir e debitar conhecimentos pois, a nossa intenção é que o ambiente escolar seja uma partilha de experiências e conhecimentos. Acreditamos que todos somos sujeitos ativos, capazes e portadores de conhecimentos, com isso, desejamos que nossa prática pedagógica seja reflexo desse entendimento.

Conclusão

Podemos concluir que o projeto proposto pelo projeto fez sentido para a vida dos estudantes, isso porque, foi feito um acompanhamento dos alunos envolvidos e participantes. Acreditamos que não há educação se o aluno permanece apenas como observador. Através de uma perspectiva de construção de conhecimentos mútuos, em momento algum nos limitamos à transmissão de conhecimentos, uma vez que a intenção é que o ambiente escolar seja uma partilha de experiências e conhecimentos. Creemos que todos somos sujeitos ativos, capazes e portadores de conhecimentos e nosso desejo é que a prática pedagógica seja reflexo desse entendimento. Ressaltamos que a experiência oportunizada pelo estágio tem sido um desafio e um percurso acadêmico muito enriquecedor para nós, futuros professores. Sendo assim, expressamos que a prática pedagógica oportunizada pelo Projeto Institucional Residência Pedagógica foi um desafio e um percurso acadêmico muito enriquecedor. Durante a prática, ao longo de 18 meses, vivenciamos muitos sentimentos de incapacidade, mas também de satisfação.

Anexos

A flor e a náusea

[Carlos Drummond de Andrade]

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema

resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.
Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Pra não dizer que não falei das flores
Geraldo Vandré

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão

E acreditam nas flores vencendo o canhão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Frase de Marielle Franco (2018)

"As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando do nosso lugar de existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas."

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova reunião: 23 livros de poesia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. A nova crítica ao ensino de língua. A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras. 1997.
- FRANCO, Marielle. As rosas... 2018. Disponível em: < <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/as-rosas-da-resistencia-nascem-do-asfalto-gente-recebe-rosas-mas-vamos-estar-com-punho-cerrado-falando-do-nosso-lugar-de-existencia-contra-os-mandos-desman-do-s-que-afetam-nossas-vidas-22496318> >. Acesso em: 14 nov 2018.
- TOKARNIA, Mariana. Mais crianças estão na escola, mas ainda é preciso incluir 1,9 milhão. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-06/mais-criancas-estao-na-escola-mas-ainda-e-preciso-incluir-19-milhao>>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- PETTI, Michele. O que está em jogo na leitura hoje em dia. In:_____. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de SOuza. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- VANDRÉ, Geraldo. Pra não dizer que não falei de flores. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46168/> >. Acesso em: 21 nov. 2018.

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

Lethícia Loyola da Costa Lima¹⁹

Liliana Lopes Gaspar²⁰

Ramon Elias da Silva²¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir a utilização da internet em prol do ensino de Língua Portuguesa. Para este fim, nos baseamos nos dados apresentados no artigo, “O ensino de Língua Portuguesa e suas metodologias: O uso do blog em sala de aula”, da autora Abigail dos Santos Fonseca, 2008, além de fazer uma análise do contexto educativo brasileiro contemporâneo, buscando destacar os fatores que dificultam, nestes tempos de diversidade, a relação professor-aluno, a crescente demanda por novos meios tecnológicos auxiliares nas aulas de português, sobretudo os blogs e outros meios de interação social, bem como o impacto que estes produzem no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Blog; mídias e sala de aula; ensino-aprendizagem.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el uso de la internet a favor de la enseñanza de lengua portuguesa. Nos basamos en los datos presentados en el artículo “O ensino de língua portuguesa e suas metodologias: o uso do blog em sala de aula”, de Abigail dos Santos Fonseca, 2008, además de hacer un análisis del contexto educativo brasileño contemporâneo, buscando destacar los factores que dificultan, en estos tiempos de diversidad, la relación profesor-alumno, la creciente demanda por nuevos medios tecnológicos auxiliares en las clases de português, sobretudo los blogs y otros medios de interacción social, bien como el impacto que estos producen en el enseñanza-aprendizaje de lengua portuguesa.

Palabras-clave: Blog; médios; salón de clase; enseñanza-aprendizaje.

Introdução

Com a dificuldade cada vez mais crescente em razão das aulas online, uma enorme barreira criou-se entre professores e alunos, por isso a necessidade da utilização dos meios digitais tornou-se essencial no ensino. As mídias sempre foram operadas pelos professores, porque não levá-las para os alunos? É um questionamento constante de qual forma seria a melhor maneira para voltarmos a estimular nossos alunos, que na maioria das vezes, perdem o interesse nas aulas online, ou até mesmo, ficam desmotivados por não existir mais o contato, e o laço que se cria entre professor e aluno. Neste viés, o texto chamou-nos atenção, especificamente, em razão do blog. Este está desempenhando um papel fundamental no ensino da Língua Portuguesa, é um instrumento de rápido acesso e de fácil compreensão, pelos quais os professores já estão lançando mão em suas aulas para ajudar não só aos alunos, mas até a eles mesmos. Pois dessa forma, cria-se uma aula mais dinâmica e os alunos conseguem compreender o conteúdo de uma forma mais rápida, em razão da linguagem mais simples, enxergando-se naquela realidade que o blog proporciona.

¹⁹Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.

²⁰Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.

²¹Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

É inquestionável que sempre existiu um grande impacto das mídias na vida dos estudantes, entretanto como transformar nossos computadores em salas de aula? Nossa vida precisou mudar com a chegada da COVID-19, incertezas de como seria uma perspectiva de um futuro presencial.

Dessa forma, a necessidade de compreender as mudanças que uma pandemia trazia era inevitável. Era necessário estudar sobre como funcionam as mídias, lives, blogs. Tudo que estivesse ao alcance do professor, a fim de que seus alunos não ficassem em desvantagem quando se obtivesse uma “cura” para tudo isso.

Entretanto, é um fato que a ligação estabelecida em sala de aula entre professor e aluno foi se perdendo em razão da distância. Cada vez mais os alunos foram perdendo o interesse nas aulas, já que não conseguiam absorver as informações e os professores foram ficando desestimulados, pois não recebiam uma resposta positiva quanto ao aprendizado dos alunos.

Assim, a proposta deste trabalho é justamente promover uma reflexão do uso de mídias e o ensino no EAD, de como podemos reavivar nos alunos a vontade de aprender, e como conseguiremos trazer de volta a ligação entre professor e aluno.

O ensino tradicional do Português

O que podemos perceber ao entrevistar professores e alunos, tanto da rede pública quanto da rede particular, é que o ensino de Língua Portuguesa e Literatura continua extremamente enraizado na pura transmissão de conteúdo em grande parte das instituições, que insistem em seguir a cartilha tradicional. E esse é um dado defendido por Abigail em seu artigo, quando defende a ideia de que, nos últimos anos, a escola era uma instituição um tanto inflexível, que delega ao professor a função de *“despejar informações sobre o aluno - ser ‘desprovido’ de todo e qualquer conhecimento e experiências anteriores.”* O único propósito, então, era ensinar a gramática, e garantir que o aluno fosse capaz de se expressar perfeitamente usando a norma culta da língua, ignorando todos e quaisquer de seus aspectos cognitivos.

Temos assim um ensino totalmente centralizado no ensino da gramática, absolutamente carente de reflexões pessoais, e que exclui o contexto no qual aqueles alunos aplicam-se e, em consequência, suas reais necessidades.

Novos modos de ensino do Português

A fim de quebrar essa tradição, alguns educadores têm se empenhado em encontrar novas metodologias, novos meios de proporcionar ao aluno um melhor aprendizado, não apenas voltado ao ensino da gramática, mas também ao uso da língua de maneira libertadora, incentivando o estudo das suas múltiplas formas de realização, trabalhando assim a competência comunicativa e a autonomia dos alunos. Assim, os conceitos de competência e habilidade passam a ser bastante valorizados, depois de anos de desprezo por parte da escola.

A criação de atividades relacionadas a situações diversificadas, em conjunto com a exploração de recursos que ampliem o nível de aprendizado do aluno, ajudando-os a tornarem-se aptos a resolver quaisquer problemas que lhes sejam apresentados em seu cotidiano, é algo fundamental para desenvolver a competência e habilidade do aluno. De acordo com Abigail, esse objetivo pode ser finalmente alcançado caso haja uma abordagem multidisciplinar em relação aos assuntos apresentados, o que possibilitaria o aluno a se identificar com a discussão apresentada.

E aqui podemos entrar no campo das mídias tecnológicas, que se constituem em mais uma forma onde essa multidisciplinaridade pode ser manifestada. No entanto, o uso dessas novas ferramentas precisa ser feito com muito planejamento e responsabilidade. Não é algo que vá

possibilitar a total substituição do método antigo de ensino, mas sim, que vai complementá-lo, e ajudá-lo na sua evolução; um processo totalmente mediado pelo professor, levando em consideração o contexto no qual todo e qualquer aluno se encontra. Isso é algo de extrema importância, visto que a igualdade de oportunidades para todos os educandos deve ser mantida.

A Pandemia do COVID-19 e suas consequências no ensino

Com o início da Pandemia do COVID-19 no início de 2020, o que era uma iniciativa de muitos professores de integrar recursos tecnológicos, e assim modernizar o método de ensino da Língua Portuguesa, deixou de ser uma tentativa e passou a ser uma necessidade.

Se em sala de aula, de certa forma, já podia ser um tanto difícil manter a concentração do aluno, como proceder então quando se tornou fundamental mantê-los isolados e distantes da escola, e conseqüentemente, do professor? Como planejar e estabelecer objetivos, e ainda assim estimular o engajamento dos alunos?

Em seu artigo, Abigail destacou o uso do blog como uma ferramenta que possibilitou a criação de “uma rede de ensino e comunicação, como forma de oferecer uma formação descentralizada e autônoma.” Temos aqui algo que permitiu a ampliação do conceito de ensinar e aprender, visto que também traz para a reflexão dos educandos temas muito próximos a eles e que certamente enriqueceriam a sua comunicação.

O mais importante nesse processo um tanto emergencial pelo qual passamos era garantir que o uso da tecnologia fosse adequado e eficiente para todos os educandos, e não apenas para uma parcela deles. Afinal de contas, a escola ainda precisa garantir as mesmas possibilidades para todos. Mas, infelizmente, não foi o que ocorreu na maioria dos casos.

Com o distanciamento entre professores e alunos, dadas as circunstâncias da pandemia, o que deveria ser utilizado como ferramenta para integrar os alunos ainda mais, passou a ser justamente o que os segrega. Se antes da pandemia o número de alunos que não possuíam acesso a internet, ou possuíam um acesso instável, ou não tinham dispositivos adequados para tal (Gráficos 1 e 2), já era grande, depois dela, esse número só veio a crescer.

De acordo com uma pesquisa do IBGE realizada em 2021, com dados divulgados em março do mesmo ano, cerca de 4,1 milhões de estudantes da rede pública, somando todas as regiões do país, não possuem acesso à internet por diversos motivos, como a alta taxa do serviço ou o custo do equipamento necessário para o uso do serviço. Nem mesmo a plataforma digital disponibilizada pelo governo é acessível para todos, o que faz com que o professor necessite entrar em contato com os alunos via whatsapp para, ao menos, alcançá-los de alguma forma.

Metodologia

Utilizamos para esta investigação os elementos presentes no contexto educativo do Brasil contemporâneo (presença de tecnologias diversas, velocidade nas informações, ensino remoto em casa), a fim de elucidar os limites que este apresenta e de que forma podemos interferir, enquanto professores da educação básica, refletindo, além do nosso papel nesse contexto, as perspectivas que se pretendem alcançar em termos de expansão das possibilidades de propostas mais adequadas ao ensino de Língua Portuguesa, que sejam capazes de levar aos educandos uma aprendizagem mais flexível, que valorize os conhecimentos e a familiaridade que apresentam acerca das mídias digitais, sobretudo as que permitem o uso coletivo de professores e alunos, resgatando a “aproximação” que entre estes deve existir.

Visando a ampliar este debate, para além dos dados colhidos do contexto sócio-educativo-cultural presentes na atualidade de nosso país, buscamos avaliar algumas das importantes contribuições trazidas pela professora Abigail dos Santos Fonseca, UNEB, apresentadas em seminário de Língua Portuguesa e ensino, colóquio de Linguística discurso e identidade.

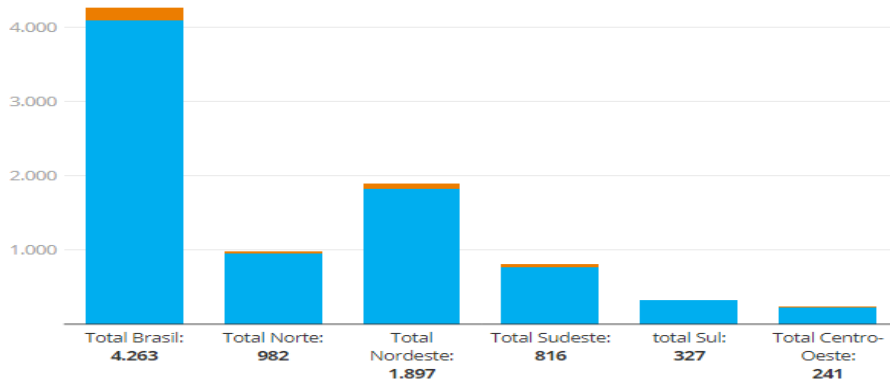
Análise de dados e Conclusão final

Gráfico 1

Brasil e grandes regiões - em 2019

Número de estudantes sem acesso à internet - em milhares

Rede pública Rede privada



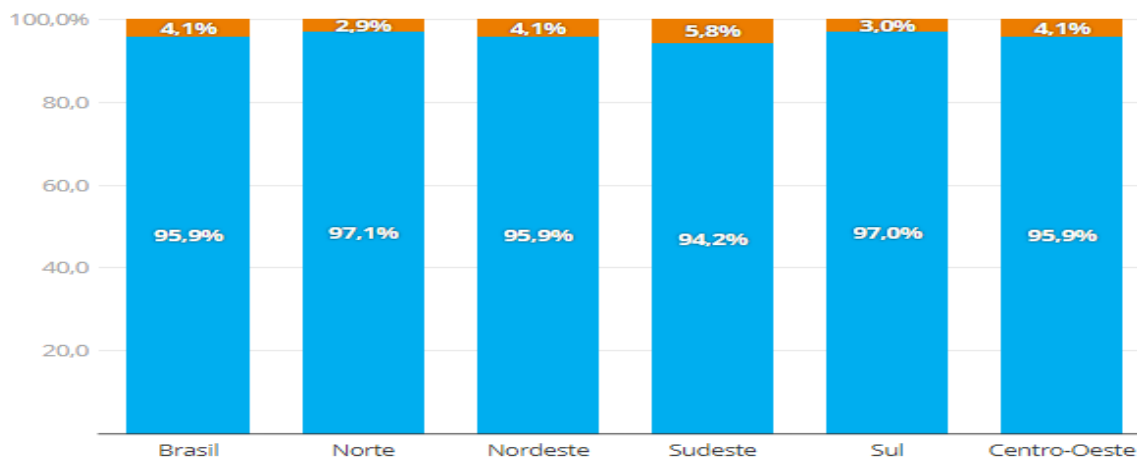
Fonte: IBGE

Gráfico 2

Estudantes sem acesso à internet em 2019

% em relação ao total, por rede de ensino

rede pública rede privada



Fonte: IBGE

Por fim, como observamos no gráfico acima, compreendemos que o uso da internet aumentou drasticamente por conta da pandemia, como refletimos acima, Fonseca ratifica que “O blog é um meio de modernizar a educação, pois é uma ferramenta que pode contribuir para que os participantes (alunos e professores, principalmente) possam produzir textos, exercendo o pensamento crítico.”, dessa forma o crescimento das mídias vem sendo avassalador.

Neste pensamento, a utilização da internet, principalmente nos tempos de pandemia, foi algo que trouxe muitos benefícios, em razão de despertar e incluir o aluno em um ambiente que ele já era familiarizado e facilitar na realização de trabalhos interdisciplinares. Bertolacchi (2007) nos aponta que “*o uso do blog na educação tem um grande poder de comunicação e os alunos podem vir a ser escritores, leitores e pensadores*”, e esse acontecimento está ligado diretamente ao fato de que existe uma linguagem que se aproxima àquela do cotidiano dos alunos, e conseqüentemente desperta o interesse por aprender aquele determinado conteúdo.

É indiscutível que a relação professor aluno possa ficar de lado, entretanto é necessário pensar que as mídias podem facilitar essa comunicação, por exemplo, uma atividade de língua portuguesa sobre as diferentes formas de comunicação, porque não levar a linguagem utilizada no blog para discussão?

Dessa forma, o aluno irá dedicar-se ao assunto estudado em sala de aula e acabará contribuindo ainda mais para sua formação pessoal, tornando-o uma pessoa mais crítica e reflexiva. Sem falar que também crescerá muito mais a sua participação, e interesse nos assuntos acadêmicos.

Referências

Site dos gráficos: IBGE: Estudantes sem acesso à internet somam 4,3 milhões | Brasil | Valor Econômico (globo.com).

BERTOLACCHI, Sônia. Blog: diário virtual que pode ser usado na escola. Disponível em: http://www.educared.org.br/educa/internet_e_cia/pop_imp.cfm?id_inf_escola=68.

SANTOS FONSECA, Abigail. 4 ed. Cidade: Editora, ano.

SANTOS FONSECA, Abigail. *O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS METODOLOGIAS. O USO DO BLOG EM SALA DE AULA.*

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL

Lucas de S. Bernardo¹²²

Resumo

Esse estudo tem como objetivo refletir e analisar a questão da concordância verbal sob a luz do livro *Ensino de gramática*, organizado por Silvia Rodrigues Vieira e Silvia Figueiredo Brandão, partindo da própria noção de concordância verbal e os aspectos sociais que os circundam até o ensino prático em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de gramática. Concordância verbal. Variantes da língua.

Abstract

This study aims to reflect and analyze the issue of verbal agreement in the light of the book *Ensino de Grammar*, organized by Silvia Rodrigues Vieira and Silvia Figueiredo Brandão, starting from the very notion of verbal agreement and the social aspects that surround them until practical teaching in the classroom.

Keywords: Grammar teaching. Verbal agreement. Language variants.

Introdução

A questão da concordância verbal faz-se bastante recorrente nas temáticas de ensino e educação. Via de regra, a sociedade faz juízo de valor a cerca de um falante utilizando a adequação ou não de sua fala à modalidade culta da língua, sendo a concordância verbal um dos fatores mais observados. Por esse motivo, as autoras separaram uma parte da obra, de autoria da própria organizadora Silvia Rodrigues Vieira, focalizada nesse tema, buscando destrinchar o conceito de concordância verbal e analisar os fatores internos e externos que causam o contraste em utilizar ou não as regras prescritas pelas gramáticas tradicionais, e a partir disso concluir a melhor forma de apresentar esse estudo aos alunos e aplicar o método mais conveniente de ensino.

Pressupostos teóricos

A autora expõe a perspectiva dos estudos variacionistas, que buscam identificar as variantes linguísticas de uma língua, estudando suas características e os motivos que dão origem as suas especificidades. No quesito do ensino e em resposta ao questionamento do porquê de ensinar a variante padrão, a autora cita Perini (2001: 27-34), que considera esse estudo essencial para a atividade científica e intelectual, uma etapa intrínseca no desenvolvimento compreensão e reprodução dos estudos sobre a linguagem. Ainda em reflexão sobre as razões para se ensinar a gramática e a concordância verbal, a autora cita Neves (2003: 94), defendendo que todas as variantes devem ser compreendidas pelos alunos, o que naturalmente inclui a norma padrão. Além disso, a capacidade de utilização dessa variante quando requisitado é essencial para a ascensão social do aluno, possibilitando-o a acessar as posições sociais de maior prestígio.

Metodologia

A autora defende que o ensino da concordância verbal deve ser iniciado pela assimilação do conceito em si por parte do aluno. Dessa forma, “... fazer o aluno compreender seu conceito é, a

²²Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

um só tempo, introduzi-lo no conceito da estrutura oracional e apresentar-lhe noções fundamentais da morfologia da língua portuguesa.” (Vieira 2007: 94).

Sob a luz dos textos de Lima (2000: 46-9), a autora explora os quatro princípios descritos por ele (complexidade crescente; continuidade; encadeamento em espiral; integração), a autora propõe que seja estabelecida a integração do verbo “de modo a estabelecer a integração do fenômeno verbal à categoria em que ele se aplica.” (Vieira 2007:94).

Nesse sentido, o verbo é apresentado como elemento principal, e a partir daí apresentam-se as relações sintáticas e toda a estrutura morfológica da oração.

Quanto à didática, segue-se a linha do uso do texto como ferramenta principal para o aluno identificar e compreender o fenômeno, recomendando-se textos que usam a própria temática da concordância verbal como recurso de construção do sentido global do texto ou exibam as diferentes variantes da Língua Portuguesa, trabalhando sobre a questão da utilização ou não da concordância verbal. O aluno também pode ser estimulado a ele mesmo construir orações e identificar as características estruturais que favorecem ou desfavorecem a flexão de concordância, como posição do sujeito em relação ao verbo ou a distância do sintagma nominal em relação ao verbo.

Considerações finais

A autora apresenta uma concepção inovadora e essencial em relação ao fenômeno da concordância verbal, que deve ser passado em sua totalidade para os alunos, abrangendo as questões sociais, conceituais e sintáticas e morfológicas, de modo que o aluno seja instigado cientificamente, além de compreender e ser capaz de reproduzir as diversas variantes da língua.

Referências

- VIEIRA, Sílvia. *Ensino de gramática: descrição e uso*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2007.
- PERINE, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: ÁTICA, 2001.
- NEVES, M. H. de M. *Que gramática estudar na escola*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LIMA, R. L. DE M. Critérios de organização do conteúdo. In: Moura, D. (org.) *Língua e ensino: dimensões heterogêneas*. Maceió: Edufal, 2000, pp. 41-50.

OS ESCRITOS CONTEMPORÂNEOS/PERIFÉRICOS E O ENSINO DE LITERATURA: UMA NECESSIDADE DESTE TEMPO

Lucas Fagundes Viana²³

Resumo

Este artigo tem a finalidade de desmistificar o ideal literário, muitas vezes, inalcançável, cuja fundamentação norteia-se pelo conceito de “alta literatura”. Ao trazer a literatura contemporânea/periférica à educação básica, o professor dialoga com a identificação social de muitos públicos, em realce, os alunos da rede pública. Não obstante, é bom salientar que a valorização da literatura dita “contemporânea” não diminui — em nenhuma hipótese — o espaço da literatura “clássica” ou tradicional. Logo, o presente artigo traz à luz um grande desafio do professor tradicional: o despertar para a observação dos escritores contemporâneos e a sensibilidade de saber que um deles pode nascer, ali, a sua frente, na própria sala de aula. Para tanto, desenvolveremos essa contemporaneidade por meio de um escritor hodierno, o Geovani Martins, especialmente em um conto do seu livro “O sol na cabeça”. Essa fundamentação é parte essencial para que os alunos desfrutem da literatura contemporânea e periférica (também denominada de marginal) e identifiquem-se com os escritos mais ligados à realidade que vivenciam. Novamente, é imperativo pontuar que o espaço da literatura periférica não afasta o cânone literário da educação básica, mas possibilita seu espaço mediado entre as duas formas de ensino. O presente artigo tem funcionalidades metodológicas para que o aluno reconheça melhor a literatura periférica e seja — se assim desejar — um produtor literário dentro dessas condições. Trazer à realidade esse conhecimento é essencial para que a literatura, como um importante componente reflexivo na sociedade, ganhe mais visibilidade pelos discentes, em realce, aos alunos da rede pública.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Literatura e sala de aula. Cânone e literatura periférica/marginal.

Abstract

This article aims to demystify a literary ideal, often unattainable, whose foundation is guided by the concept of “high literature”. By bringing contemporary/peripheral literature to basic education, the teacher dialogues with the social identification of many audiences, in particular, students from the public network. Nevertheless, it is worth noting that the appreciation of “contemporary” literature does not diminish — under any circumstances — that of “classical” or traditional literature. Therefore, the present article highlights a great challenge of the teacher to light: the awakening to their attention in front of contemporary writers and the sensitivity of knowing that one can be born, there, in front of them, in the classroom itself. In order to do so, we will develop this contemporaneity through a contemporary writer, Geovani Martins, especially in a short story from his book “O sol na Cabeça”. This fundamental part is essential for students to live with the writings of contemporary literature and that they experience (also called marginal) and identify with the writings most connected to reality. Again, it is necessary to point out that the space of peripheral literature does not distance the literary space of basic education, but allows its mediated space as forms of teaching. The present literary article has methodological features so that the student better recognizes peripheral literature and is thus desired — a producer within these conditions. Bringing this knowledge to reality is essential for literature, as a reflection on society, to gain more visibility to students, in particular, to students from the public network.

Keywords: Contemporary Literature. Literature and the classroom. Canon and peripheral/marginal literature.

²³Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

Introdução

Na educação básica é comum o primeiro contato do discente com a literatura por meio dos livros didáticos. Esses manuais revelam-se eficientes quanto a alguns quesitos como a exibição da informação sobre as obras literárias, o contexto em que elas foram produzidas, além de aspectos inerentes à vida do autor e suas demais obras. Além disso, alguns livros até chegam a analisar pequenos fragmentos de algumas obras, apontando recursos linguísticos empregados em sua construção, mas não oferecem ao leitor a essencialidade da relação texto e leitor: **a experiência literária na prática.**

O que denomina-se aqui “experiência literária” é o prazer de ler o texto na íntegra e suas conseqüências oriundas do letramento literário. No entanto, embora não haja, por conta disso, um aprofundamento nas obras literárias elas são, minimamente, exibidas, apesar de ainda com uma amostragem ineficiente. O que se exhibe, contudo, é exclusivamente o tracejar de uma literatura clássica — não havendo espaço para a literatura contemporânea.

Soma-se a isso, a distinção de que os escritos contemporâneos não são englobados no conceito de “Alta Literatura”, pois aqui a contemporaneidade revela-se em escritores periféricos que não sejam considerados consagrados na literatura tradicional e nem em movimentos literários apresentados na sala de aula, como por exemplo, o Classicismo, o Barroco, o Arcadismo... Contudo, embora não apresentados, eles, os escritores modernos, podem fornecer uma maior aproximação da literatura aos alunos da educação básica.

Essa aproximação é uma condensada resposta para a nossa proposta: a literatura, como processo artístico de intervenção social e política, é para todos — inclusive, para os contemporâneos. A literatura, portanto, não é restrita ao cânone. Constatar isso não é desvalorizar a importância histórica e pioneira de literários passados, mas, ao passo de conservá-los, enxergamos, paralelo a isso, as competências dos escritores videntes em todas as esferas sociais.

Pressupostos teóricos

O linguista e professor universitário brasileiro Luiz Antônio Marcuschi traz-nos a noção de língua como um conjunto de atividades sociais e históricas. De acordo com Marcuschi, partimos dos sistemas cognitivos internalizados ao longo da vida para ler um texto, seja oral ou escrito, de modo que essa experiência é de caráter social e coletivo, não individual. Nesse sentido, sendo o leitor um sujeito inserido na realidade social, cabe a ele recorrer a contextos e conteúdos literários que envolvam diretamente o seu cotidiano para interpretar as ações diárias que envolvem a linguagem.

É válido destacar a característica humana de ser produtora de sentidos, logo, de não ser transparente nem linear na produção dos enunciados, o que, junto à necessidade de ter os enunciados interpretados mutuamente por outros indivíduos, torna-se suscetível à má interpretação e aos mal entendidos. Daí a necessidade de se conceber a língua como um evento comunicativo, pois ela não é a representação fidedigna da realidade, logo, o registro escrito e a leitura são atividades de reinvenção.

Os gêneros textuais emanam dos contextos sociais, sendo involuntários e regrados pela vivência e pela cultura, o que os tornam uma forma de ação social. Dessa maneira, é válido destacar os aspectos comunicacionais do texto, principalmente no ambiente escolar, onde frequentemente utiliza-se o texto como pretexto e localização de informações, para, assim, trazer as noções inferenciais. De maneira semelhante ao fluxo de enunciado que entramos em contato diariamente e realizamos processos mentais de hipóteses e inferências para a melhor interpretação, o mesmo ocorre com os textos selecionados para trabalho no ambiente escolar, mas, em geral, sem ter esse

lado bem explorado.

Marcuschi também nos cede margem para uma reflexão acerca do movimento de resistência à aceitação da literatura contemporânea. Segundo o autor, há um trânsito natural de justaposição que adere valor social à escrita, até superior à oralidade. Para destacar essa força, o autor utiliza a expressão “violência inusitada” para referir-se ao poder de adequação e permanência da escrita. Nesse diapasão, é minimamente incoerente a ausência de aceitação dos escritos periféricos como literários. *Se esses, então, não se enquadram no conceito literário de “alta literatura” a reflexão acadêmica enseja, com essa premissa, que existe uma categoria de literatura “menor”?*

Os alunos, no entanto, não podem pensar dessa forma excludente. Parafraseando o autor, “a força violenta” natural que existe na escrita, existe, por conseguinte, na literatura periférica que vem ganhando pautas e espaços, ainda que com atraso. Por isso, não à toa, fazemos dela item vital dessa unidade. É inegável que dentro desse contexto, a literatura contemporânea e periférica vem descortinando ao público seu valor social. Como aponta o movimento natural realçado por Marcuschi:

“Se é bem verdade que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita, isto não torna a oralidade mais importante ou prestigiosa que a escrita. Trata-se apenas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível sobre a escrita (cf. Stubbs, 1980). Os usos da escrita, no entanto, quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade.”

(Marcuschi, Luiz Antônio - Da fala para a escrita: atividades de retextualização - 10. ed - São Paulo: Cortez, 2010. Pág. 17).

Além disso, o artigo “Repensando o ensino de literatura no Ensino Médio: a interação texto-leitor como centro”, faz-nos refletir sobre a necessidade de revitalização do livro didático, transformando-o em um fator secundário e convidando os alunos para serem personagens de suas experiências diretamente nas obras literárias, haja vista a consideração que o material didático não propicia de forma clara ao leitor a apreciação das obras literárias e sim uma perspectiva mais histórica uma vez que se enfatizam datas, características, conceitos e fatos históricos, em detrimento da fruição de textos e de sua compreensão e interpretação.

Metodologia

Por que a metodologia constitui-se com contos do escritor Geovani Martins?

Em um primeiro prisma, podemos destacar a *acessibilidade* da produção literária pelos jovens periféricos que traz, naturalmente, mais proximidade na relação do jovem nessa condição social com a leitura. Nascido em Bangu, no Rio de Janeiro, o autor já trabalhou como “homem-placa”, atendente de lanchonete, garçom em bufê infantil e barraca de praia. Em 2013 e 2015, participou das oficinas da Festa Literária das Periferias, a Flup. Publicou alguns de seus contos na revista Setor X e foi convidado duas vezes para a programação paralela da Flip. Ou seja, a escolha de Martins, é a primeira resposta para a nossa proposta: a literatura, como processo artístico de intervenção social e política, é para todos — inclusive, para os contemporâneos. A literatura, portanto, não é restrita ao cânone. Constatar isso não é desvalorizar a importância histórica e pioneira de literários passados, mas, ao passo de conservá-los, enxergamos, paralelo a isso, as competências dos escritores videntes em todas as esferas sociais.

Segmento em que será apresentado

Com o objetivo de que a literatura contemporânea e o interesse por essa disciplina se acentue na educação básica, o professor irá apresentar o conto “Espiral” de Geovane Martins. *Essa apresentação ocorrerá para os alunos do Ensino Médio.*

Espiral

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, com meu uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passava na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua pra não topa comigo. Tinha vezes, naquela época, que eu gostava dessa sensação. Mas, como já disse, eu não entendia nada do que estava acontecendo.

As pessoas costumam dizer que morar numa favela de Zona Sul é privilégio, se compararmos a outras favelas na Zona Norte, Oeste, Baixada. De certa forma, entendo esse pensamento, acredito que tenha sentido. O que pouco se fala é que, diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo. É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio, com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros.

Nunca esquecerei da minha primeira perseguição. Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça. Prendi a respiração, o choro, me segurei, mais de uma vez, pra não xingar a velha que visivelmente se incomodava de dividir comigo, e só comigo, o ponto de ônibus. No entanto, dessa vez, ao invés de sair de perto, como sempre fazia, me aproximei. Ela tentava olhar pra trás sem mostrar que estava olhando, eu ia chegando mais perto. Ela começou a olhar em volta, buscando ajuda, suplicando com os olhos, daí então coleei junto dela, mirando diretamente a bolsa, fingindo que estava interessado no que pudesse ter ali dentro, tentando parecer capaz de fazer qualquer coisa pra conseguir o que queria. Ela saiu andando pra longe do ponto, o passo era lento. Eu a observava se afastar de mim. Não entendia bem o que sentia. Foi quando, sem pensar em mais nada, comeci a andar atrás da velha. Ela logo percebeu. Estava atenta, dura, no limite de sua tensão. Tentou apertar o passo pra chegar o mais rápido possível a qualquer lugar. Mas na rua era como se existíssemos apenas nós dois. Por vezes eu aumentava minha velocidade, ia sentindo o gosto daquele medo, cheio de poeira de outras épocas. Depois diminuía um pouco, permitindo que ela respirasse. Não sei quanto tempo durou tudo aquilo, provavelmente não mais que alguns minutos, mas, para nós, era como se fosse toda uma vida. Até que ela entrou numa cafeteria e seguiu meu caminho.

Passado o turbilhão, fiquei com nojo de ter ido tão longe, lembrando da minha avó, imaginando que aquela senhora também devia ter netos. Porém, esse estado de culpa durou pouco, logo lembrei que aquela mesma velha, que tremia de pavor antes mesmo que eu desse qualquer motivo, com certeza não imaginava que eu também tivera avó, mãe, família, amigos, essas coisas todas que fazem nossa liberdade valer muito mais do que qualquer bolsa, nacional ou importada.

Por mais que às vezes me parecesse loucura, sentia que não poderia parar, já que eles não parariam. As vítimas eram diversas: homens, mulheres, adolescentes e idosos. Apesar da variedade, algo sempre os unia, como se fossem todos da mesma família, tentando proteger um patrimônio comum.

Veio a solidão. Ficava cada vez mais difícil enfrentar qualquer assunto banal. Nem nos livros conseguia me concentrar. Não queria saber se chovia ou fazia sol, se no domingo daria Flamengo ou Fluminense, se Carlos terminou com Jaque, se o cinema estava em promoção. Meus amigos não entendiam. Não podia contar o motivo de minhas ausências, e, aos poucos, fui sentindo que me afastava de gente realmente importante para mim.

Com o passar do tempo essa obsessão foi ganhando forma de pesquisa, estudo sobre relações humanas. Passei então a ser tanto cobaia quanto realizador de uma experiência. Começava a entender com clareza meus movimentos, decifrar os códigos dos meus instintos. No entanto, a dificuldade de entender as reações de minhas vítimas foi se mostrando cada vez maior. São pessoas que vivem num mundo que não conheço. Sem contar que o tempo que tenho pra analisá-las frente a frente é curto e confuso, já que preciso atuar simultaneamente. Percebendo isso, cheguei à conclusão de que precisaria me concentrar num único indivíduo.

Não foi nada fácil encontrar essa pessoa. Me perdia entre as personalidades, não conseguia escolher. Tinha medo. Até que um dia, andava pela rua, era noite alta, um homem virou a esquina no mesmo momento que eu, trombamos. Ele levantou os braços, se rendendo ao assalto. Eu disse: “Fica tranquilo. E vai embora”. Depois de muito tempo sentia mais uma vez aquele ódio primeiro, descontrolado, aquele que enche os olhos d’água. Há tempos já tinha me abstraído da humilhação, e até mesmo da vingança. Encarava o desafio com o olhar cada vez mais distante, científico. Mas alguma coisa nos movimentos daquele homem — o levantar de braços, a expressão de terror — fez reacender aquela chama do dia em que fui atrás da minha primeira vítima. Era ele. Só podia ser ele. Esperei um pouco e fui atrás, invisível.

Mário é o nome dele. Consegui pescar essa informação observando de perto, próximo ao seu local de trabalho, enquanto ele cumprimentava seus conhecidos pela rua. Tem duas filhas pequenas, uma pela casa dos sete, oito anos, a outra com quatro, no máximo cinco. Não consegui descobrir o nome delas, pois, quando estava com a família, eu acompanhava de longe, pra não atrair suspeitas. Acabei batizando de Maria Eduarda a mais velha e Valentina a mais nova. Nomes compatíveis com suas carinhas de crianças bem alimentadas. À esposa dei o nome de Sophia. Olhando a partir da minha distância, pareciam felizes. No dia em que foram fazer um piquenique no Jardim Botânico, brincavam, comiam bolos, doces, observavam juntos as plantas. Um verdadeiro comercial de margarina (1), com exceção da babá, que os seguia toda de branco.

Durante o primeiro mês, forcei nosso encontro muitas vezes. Em algumas ele ficou intimidado com minha presença, em outras parecia não notar ou não se importar. Eu ficava me perguntando quando é que ele daria conta de minha existência. Três meses. Até o dia em que li em sua expressão o horror da descoberta. Muita coisa mudou depois disso. Mário passou a ser outra pessoa. Sempre preocupado, olhando em volta. Eu observava. Às vezes o perseguia claramente, via sua tensão crescer, até quase explodir. Então parava, entrava em algum lugar, fingia naturalidade.

Chegamos ao momento presente. Passei uns dias rondando um pouco mais perto de sua casa. O que antes era privilégio, morar perto do trabalho, virou um dos seus maiores motivos de preocupação. Ele tentava me despistar dando voltas pelos quarteirões, mas seu esforço era inútil, já que há bastante tempo eu sabia onde ficava seu apartamento. Foram dias complicados pra ambas as partes, eu sentia que dava um passo definitivo, só não tinha certeza de onde me levaria esse caminho. Até que entramos na jogada final. Comecei a segui-lo, como das outras vezes, num lugar próximo a sua casa. Mas dessa vez ele não fez questão de me despistar, pelo contrário, pegou o

caminho mais rápido até o apartamento. Suava pelas ruas, a cara vermelha. Também eu tremia diante das possibilidades de desfecho.

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri pra ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo.

(MARTINS, Geovani. O Sol na cabeça: Espiral).

Resultados

A importância do conto e meios de apresentação no ensino de literatura:

Nesse conto que mescla a vida recheada de preconceitos do personagem frente à condição periférica habitual que ele se encontra, muito o docente pode extrair do aluno. Além da **identificação social** que muitos alunos em condições periféricas podem ter, outros discentes que não possuem essa realidade irão absorver um panorama social diferente daquele que estão habituados a vivenciar, o que gerará **inclusão e respeito**. Por isso, a promoção de um conto popular torna-se um **exercício de cidadania na sala de aula**.

Discussão

Modelo de perguntas que serão feitas a fim de provocar reflexões acerca do entendimento do discente:

- 1) Qual é a história do conto "Espiral"?
- 2) Como se pode relacionar o significado do título ao enredo?
- 3) Como o narrador estabelece a diferença existente entre o protagonista e o Mário para a temática da perseguição?
- 4) Em que sentido essa narrativa é diferente das outras que você estava habituado a ver nas aulas de literatura?
- 5) Como a vida real do autor refletiu na maneira de desenvolver a história?
- 6) No final do nono parágrafo o narrador apresenta um recurso estilístico em "Um verdadeiro comercial de margarina". Esse recurso é uma metáfora, o que você entende da expressão utilizada?

Momento de reflexão com os alunos sobre como a literatura possibilita uma melhor compreensão social

Nesse momento, **espera-se que os alunos, em grupos ou junto ao professor, identifiquem o enredo de racismo cotidiano** que o protagonista vivia no seu dia a dia desde a época da escola e o quanto isso perdurou, até o momento em que um homem se rende para ele e o faz questionar as relações humanas. Além disso, é importante a percepção de que o narrador não é nomeado, sem nem mesmo ter a cor da sua pele revelada, mas a descrição passa pelo contexto social, de morar em bairro da Zona Norte, por exemplo. Enquanto Mário, desfruta de um prestígio social e tem uma família, segundo o conto, "de comercial de margarina (família feliz e perfeita)". Desse modo, as diferenças de classe são postas em evidência e fomentam o enredo do preconceito espiral, em que o protagonista é o perseguidor, mas faz isso em razão das suas angústias de pessoas se rendendo e com medo dele.

Como a língua é um trabalho histórico e social e, sendo a literatura permeada pela linguagem, não teria como ser diferente. A literatura também é um espaço para as vivências pessoais, que, no conto em questão, aparecem como denúncia de uma realidade. Desta forma, o professor pode promover um **pequeno debate** por meio da pergunta a seguir:

Como a presença de um autor contemporâneo e de uma temática conhecida por cada aluno o aproxima da literatura?

Análise de dados

Melhor compreensão da importância da literatura contemporânea/periférica

Espera-se como resultado, por parte dos discentes, uma melhor compreensão da importância da literatura contemporânea, a **compreensão de que a literatura contemporânea, em se tratando de seu gênero marginal/periférico, tem como proposta ser destinada a espaços, autores, leitores e questões sociais consideradas marginais, como a periferia, sua linguagem, cultura e temas como violência, racismo, drogas, entre outros**. Sendo assim, também sugere um posicionamento e diversos questionamentos. A apropriação do termo “marginal” dá-se pelas questões sociais retratadas nas obras, pelo ambiente periférico e pela própria condição dos escritores que estão à margem da elite literária e, até mesmo, pela subversão ao cânone literário.

Aguçamento do interesse pela literatura periférica e reflexão do conceito de “alta literatura”

Com a apresentação do conto e as reflexões metodológicas realizadas na sala de aula, o discente terá acesso, pelo professor, a outros autores da literatura contemporânea e periférica, o que despertará, muito provavelmente, o interesse do aluno para essa temática. *Além disso, a reflexão de que não existe uma literatura menor guardará os alunos de possíveis restrições ao cânone, fornecendo a eles uma análise mais crítica contra os preconceitos linguísticos e literários.*

Conclusão

Em tempos fomentados pela elitização cultural, **a propagação da literatura periférica é uma ferramenta emergencial e propulsora de civilidade para os discentes da educação básica**. O contato com escritores que consideram sua produção literária à margem da sociedade e da literatura padrão, das características literárias tradicionais como a linguagem em nível mais erudito ou, até mesmo, da ordem textual e também da sua origem socioeconômica, faz com que os alunos tenham a iniciativa de lerem mais a literatura contemporânea e periférica, além disso, também é um chamado a tornarem-se verdadeiros produtores literários. Isso tudo considerando sempre a perspectiva de que os discentes podem ter realidades similares aos autores contemporâneos em questão, o que se espera com mais naturalidade dos alunos da rede pública de ensino — o que facilita ainda mais o processo de produção literária.

Referências bibliográficas

A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica - Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas. v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212.

RAMOS, F. B; ZANOLLA, T. Repensando o ensino de literatura no ensino médio...

CONTRAPONOTOS – Volume 9 no 1 – pp. 65-80 – Itajaí, jan/abr 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio - Da fala para a escrita: atividades de retextualização - 10. ed - São Paulo: Cortez, 2010. Pág. 17).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão (p. 228-279). Parábola, 2008.

MARTINS, Geovani. O Sol na cabeça. Companhia Das Letras.

(<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbXxw b3J0dWd1ZXNmYWVpbGVyYXBpZG98Z3g6NGY5YTdmMmFLYjRmMjUyMA>)

A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mylena Vitória Andrade da Silva²⁴

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma discussão e reflexão acerca da leitura e da escrita no Ensino de Língua Portuguesa, mostrando a importância destas no desenvolvimento intelectual dos alunos. E logo após, trazendo algumas observações feitas no decorrer da prática pedagógica como docente numa instituição particular e como discente na Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Ensino; Escrita; Leitura.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo presentar una discusión y reflexión sobre la lectura y la escritura en la Enseñanza de la Lengua Portuguesa, mostrando su importancia en el desarrollo intelectual de los estudiantes. Y poco después, trayendo algunas observaciones realizadas durante la práctica pedagógica como docente en una institución privada y como estudiante en la Universidad Federal Fluminense.

Palabras Clave: Lengua portuguesa; Enseñando; escritura; Lectura.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma discussão e reflexão acerca da leitura e da escrita no Ensino de Língua Portuguesa, mostrando a importância destas no desenvolvimento intelectual dos alunos. E logo após, trazendo algumas observações feitas no decorrer da prática pedagógica como docente numa instituição particular e como discente na Universidade Federal Fluminense. Para as análises teremos como base as obras: *Aula de português: encontro e interação* de Irandé Antunes, *Práticas da Leitura de Textos na Escola* de João Wanderley Geraldi, *Leitura: representações e ensino* de Maria Cristina Lírio Gurgel, *As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto* de Magda Becker Soares.

O que será apresentado e discutido neste artigo representa um dado momento investigativo e observador através da realidade das escolas, na qual, vale afirmar que há muito ainda a ser pesquisado e discutido sobre a realidade da educação brasileira.

A importância da Leitura e Escrita no Ensino de Língua Portuguesa

A escrita não pode ser vista de forma desvinculada da leitura. Todas as experiências absorvidas através da leitura influenciam na escrita de diversas maneiras, porque é através da leitura que construímos uma grande intimidade e ligação com a escrita. O enriquecimento da memória e do conhecimento sobre os mais variados assuntos que se pode escrever vem a partir da leitura. A maneira de ler e a forma de leitura podem ser variadas e vai de pessoa para pessoa, isto é, podemos utilizar a leitura apenas para nosso divertimento, passando a ser espontânea, não fazendo esforços para falar sobre o texto lido, portanto, a leitura deve ser utilizada como um prazer e não como uma necessidade.

²⁴Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

Nosso conhecimento já adquirido em leituras anteriores é fundamental para que haja uma melhor compreensão e ampliação de informações que ainda serão transmitidas. A leitura não se resume no momento em que se lê, ela se estende por todo o processo de compreensão que vem antes do texto, onde produz efeitos na vida e no convívio com outras pessoas, conseguindo ser eficaz no desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, como podemos observar no trecho abaixo:

[...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das idéias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita. (ANTUNES, 2003, p. 54).

O ato da escrita não é uma tarefa fácil, deve haver um planejamento do que será escrito, colocando no papel o que foi planejado e, ao final, reavaliar o texto para confirmar se os objetivos foram alcançados e até mesmo para fazer uma revisão verificando se o texto possui coerência e coesão e também, alguns erros ortográficos.

A maioria das pessoas têm dificuldades em escrever, por que não possuem o hábito da leitura que é essencial para melhorar a oralidade e escrita. É possível acreditar que, quem pratica o hábito da leitura está atento às regras gramaticais básicas e aprende a organizar os seus pensamentos na hora de elaborar um texto na sequência de começo, meio e fim.

Poderiam, então, as escolas ensinarem a escrever diversos gêneros textuais, fugindo um pouco das famosas aulas de redação dissertativa para o vestibular que em muitas escolas tem-se como único conteúdo da disciplina de Redação. Pode se entender que a isso, Irandé Antunes classifica como falta de aprimoramento teórico da parte dos profissionais, vejamos:

[...] não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras condições, um aprofundamento teórico, entre outras condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana”. (ANTUNES, 2003, p. 40).

O professor de Língua Portuguesa precisa colocar em prática a teoria, tendo um aprofundamento teórico sobre a linguagem. Não adianta ter conhecimentos sobre as teorias se nada é colocado em prática de uma forma crítica e voltada para a construção de uma educação melhor. A partir disso, o trecho de Gurgel passa a se conectar:

“através da leitura, portanto, reconhecemo-nos parte da humanidade e não seres isolados e somos capazes de tecer a própria individualidade a partir do e com o outro”. (GURGEL, 1999, p. 210).

Ao final de cada leitura, ficamos enriquecidos com novas experiências, ideias, opiniões e uma nova forma de “ver a vida”, passando a discutir a realidade do mundo e a tentar entender o ser humano. É através da leitura que partilhamos pensamentos, sentimentos, interesses, fazemos uma viagem para outros lugares, tempos e podemos conhecer outras culturas. O professor deve “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por principio – o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivar a leitura””. (GERALDI, 1983, p. 32).

O prazer pela leitura e a escrita na escola é muito importante para o crescimento intelectual, pois quem lê, solta a imaginação e torna-se crítico, dando asas ao pensamento e de certa maneira adquirindo a criatividade e um pouco mais de conhecimento que se ampliam todos os dias.

As práticas da leitura e da escrita no ensino de Língua Portuguesa

Nas escolas, o ensino de Língua Portuguesa deve estar voltado para a prática de leitura e escrita, pois, atualmente, os alunos reclamam que não gostam de ler, mas, será que isso é verdade? Ou os alunos não gostam de ler o que os professores exigem deles? O incentivo dos professores aos alunos deve ser constante. Não existem dúvidas de que a leitura traz grandes benefícios ao ser humano, até mesmo de aprendizado social. Todos nós sabemos da atual realidade de nossa sociedade, as diferenças entre as classes sociais, as injustiças, a limitação de conhecimento das classes populares entre outros fatores, pois:

[...] pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário a sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (SOARES, 2005, p. 21)

Hoje em dia, mesmo com o grande acesso das classes populares na escola, ainda há muitas crianças que querem estudar e não podem, por terem a necessidade de trabalhar para ajudar na sobrevivência de sua família. O conhecimento não é absoluto, atualmente, nas escolas, o professor não é o único ser que possui o saber, pois o conhecimento é constituído coletivamente, na interação com os alunos.

Ao se aproximar da escrita, o aluno encontrará facilidade de se relacionar com as pessoas, de escrever uma redação, um artigo, uma resenha, um resumo entre vários outros, ajudando também em outras disciplinas escolares, pois, o principal suporte para a aprendizagem na escola é a leitura e a escrita para que se tenha melhor interpretação. A gramática normativa deve ser ensinada a partir do texto, de uma forma contextualizada e interativa.

O avanço do aluno na aprendizagem da leitura e da escrita depende do seu amadurecimento-social, intelectual, neurológico, emocional e filosófico. Pode-se afirmar que a leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, no entanto, com ela deve-se alcançar a compreensão do que se lê, pois diversos tipos de conhecimentos são construídos através da atribuição de sentidos ao texto.

Deste modo, percebemos que a leitura é um processo interativo, assim, para a compreensão da leitura é necessário um dado conhecimento de mundo. O leitor passa a atribuir sentidos ao texto, por que ler é acima de tudo compreender, mas, para que exista uma compreensão, é necessário que o leitor tenha comprometimento com a leitura, não sendo apenas passivo, mas sim tendo um posicionamento crítico sobre o que foi lido.

A escola não pode perder tempo ensinando a Gramática Normativa através de frases literárias famosas e sim a partir do texto, a leitura de variados tipos e gêneros de textos ampliam nossas opiniões e argumentos para escrever. As aulas de Língua Portuguesa devem ser aulas prazerosas, onde os alunos de fato possam se desenvolver intelectualmente.

Um texto nunca é neutro, ele tem uma ideologia e ideias que são impostas e mostradas ao leitor, vale afirmar que um leitor bom é um leitor crítico, leitor que não concorda com tudo o que está escrito. Um leitor que busca ler variados tipos e gêneros de leitura e que não esqueça que “a linguagem é uma forma de actuar, de influenciar, de intervir no comportamento alheio, que outros

actuan sobre nós usando-a e que igualmente cada um de nós pode usar para actuar sobre os outros”. (Fonseca e Fonseca *apud* ANTUNES, 2003, p. 82).

A leitura e a escrita no ensino de língua portuguesa: resultados das observações:

Observando algumas aulas, é de grande importância falar também sobre algumas considerações que retratam a realidade do Ensino da Língua Portuguesa nas escolas e prática do professor perante a leitura e a escrita. Há muitas maneiras do professor trabalhar mais com a leitura e a escrita na sala de aula, no entanto, na realidade acontece de forma pobre ou, na maioria dos casos, não acontece.

Desta forma, de maneira geral, é possível concluir que alguns professores: não trabalham de forma adequada a leitura e a escrita no ensino de Língua Portuguesa; preocupam-se apenas em dar ênfase no ensino da Gramática Normativa, não proporcionando, em suas aulas, espaço para a leitura nem tampouco para a prática da produção escrita; não buscam inovar nem seguir as novas propostas curriculares do ensino de Língua Materna, isto é, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O professor deve trabalhar as reais dificuldades dos alunos, ou seja, leitura e escrita, pois com estas são grandes as possibilidades de desenvolver a oralidade e a criatividade do aluno. Muitos professores não estão preparados e essa falha talvez se decorra da qualidade dos cursos de licenciatura das Universidades de nosso país.

Uma vez que é o professor o principal agente do saber, o grande responsável pelo desenvolvimento intelectual em nosso país, a partir dos apontamentos teóricos e os resultados apresentados, percebe-se a urgência de se investir na formação de professores. A educação transforma a vida das pessoas, sem conhecimentos e formação profissional não há como haver desenvolvimento em nossa sociedade.

Considerações finais

O professor de Língua Portuguesa tem um papel importante na vida dos alunos, possui a função de conscientizar e formar um aluno para uma vida em sociedade, construindo, de forma mediada, o conhecimento e visando o crescimento intelectual do indivíduo, e principalmente, trazendo e respeitando as diferenças sociais e linguísticas para construirmos uma sociedade melhor. Com tudo o que foi abordado, é nítido concluir que o ensino de Língua Portuguesa deve estar voltado para a realidade dos alunos, pois, é papel do professor levar ao ambiente escolar a leitura e a escrita para que seja formado um aluno capaz de ser um leitor e que domine as diversas modalidades de escrita. Um professor que busque mudar suas aulas, tornando as aulas de Português diferentes e inovadoras, para que o aluno tenha consciência de que precisa melhorar é de fato importante. Assim, no momento de escrita os alunos terão mais cuidado e através da prática da leitura buscarão tornar um leitor crítico e ativo, utilizando a leitura de maneira prazerosa e não como obrigatória.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- GERALDI, João Wanderley. Práticas da Leitura de Textos na Escola. Revista Leitura: Teoria e Prática, ano 3, nº 3, p. 25-33, Rio Grande do Sul, 1984.
- GURGEL, Maria Cristina Lírio. Leitura: representações e ensino. In: VALENTE, André (Org). Aulas de português: perspectivas inovadoras. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). Leitura: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005.

O ENSINO DE LITERATURA NA ANTIGUIDADE X O ENSINO DE LITERATURA PROPOSTA PELA ATUAL BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NO BRASIL.

Sabrina Monteiro da Silva²⁵

Resumo

O presente artigo produzido como atividade de estágio para a disciplina de Pesquisa e Prática de ensino II tem como finalidade traçar um panorama a respeito de como era dado o ensino de literatura na antiguidade e como está sendo atualmente segundo o documento normativo que rege a educação básica brasileira: Base Nacional Comum Curricular. Além disso, também será apresentada uma reflexão sobre qual seria o ideal modelo de ensino. Além disso, o presente trabalho se configura como um esboço de um projeto de pesquisa.

Palavras-chaves: Literatura; Ensino; Aprendizagem.

Abstract

The present article produced as an internship activity for the discipline of Research and Teaching Practice II aims to provide an overview of how the teaching of literature was given in antiquity and how it is currently being according to the normative document that governs basic education. Brazilian: National Curricular Common Base. In addition, a reflection on what would be the ideal teaching model will also be presented. In addition, the present work is configured as an outline of a research project.

Keywords: Literature; Teaching; Learning.

Introdução

Os primeiros registros da literatura foram notados desde os primórdios da humanidade. Mesmo quando a escrita ainda não tinha sido desenvolvida, os homens no período da pré-história registravam seu dia a dia através de desenhos nas cavernas, mostrando o que acontecia naquele momento. Após o surgimento da escrita no período de 2.000 a.c foram surgindo os primeiros registros da literatura escrita. Desse modo, hoje só podemos ter uma visão do que acontecia nas sociedades antigas por causa desses registros que se davam em forma de poemas/canções e livros. Assim, percebe-se o quanto a literatura mostra-se como de suma importância para a compreensão da trajetória de vida dos antepassados e de que forma, ou seja, quais foram os caminhos que traçamos para chegar até aqui. Nessa perspectiva, tendo em vista a importância desses registros, vale refletir sobre de que forma esse acervo cultural esteve presente nas escolas na antiguidade e qual é o seu nível de relevância atualmente.

Pressupostos teóricos

Regina Zilbarman em *Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?* (2009) traz profundas reflexões acerca de como se iniciou o ensino da literatura na antiguidade e como ela se configura hoje. Além disso, expõe a respeito de que herdamos a forma de como a literatura era enxada na Antiguidade e isso se estendeu até a década de 1970, onde essa tradição experimentou mudanças. Assim, a autora analisa que mudanças foram essas e qual é o papel que a literatura passou a ocupar na atual educação brasileira. Nessa perspectiva, primeiramente a autora afirma que a escola é uma herança que os gregos deixaram para o Ocidente e desde o início o ensino dependia da materialização da poesia como objeto de ensino. Isso porque a escrita dos poetas era vista como

²⁵Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

modelo mais completo e ideal de linguagem e por isso servia como base para o ensino da leitura e da escrita. George Kenedy descreve que a fonte primária sobre o modelo de escolas de gramática é um manual escrito por Dionísio Trácio perto de 100 a.C e que este, por sua vez, foi usado como livro didático pelos quinze séculos seguintes. Dionísio definia a gramática como uma forma de adquirir aquilo que está dito nos escritores de poesia e prosa, significando o cânone como paradigma de escrita a ser seguido. Esse modelo permaneceu presente no ensino por muitos séculos e desse modo a autora faz um questionamento se a sua finalidade era formar leitores para a literatura, e mesmo a resposta sendo negativa, isso não impediu de que fossem formados bons leitores e admiradores da literatura, expondo depoimentos de escritores modernistas, como Manuel Bandeira e Cyro dos Anjos, que experimentaram essa forma de ensino. Outro papel que a literatura possuía naquela época era de servir como parâmetro de comportamentos, valores e preceitos para os cidadãos. A ensaísta finaliza o levantamento do panorama histórico afirmando que essa forma de inserir a literatura contribuía para que os alunos tivessem contato com autores considerados representativos do passado, proporcionando ao aluno conhecer um patrimônio da história e com isso absorver modelos de escrita e de conduta que deveriam ser reproduzidos para a inserção do sujeito na sociedade daquela época. A partir de um determinado momento houve mudanças a respeito da inserção de autores contemporâneos na sala de aula. O estudo da língua e da literatura não mais corresponde aos modelos antigos caracterizados como retroativos. Agora esse estudo é substituído pela prática com textos.

Assim, através dos textos os alunos devem aprender maneiras de utilizar a linguagem de forma adequada a diferentes contextos. Zilbarman parece não concordar em totalidade com essas mudanças que os parâmetros curriculares propõem, visto que, segunda a visão da autora, restringir a literatura ao trabalho de gêneros textuais que circulam atualmente com o intuito do aluno apenas aprender a se comunicar adequadamente, pode privá-lo de ter um contato com qualquer história ou patrimônio cultural. A ensaísta defende que é necessário que as camadas populares tenham a oportunidade de conhecer obras que foram significativas para a construção da nossa identidade, da nossa história, visto que absorver os conhecimentos das classes dominantes possibilitará a eles disputar o seu lugar de igualdade.

Já o crítico literário Antonio Candido no ensaio *Direito a literatura (1988)*, expõe o quanto é necessário que todos tenham direito ao acesso não só a literatura da atualidade, mas também da antiguidade, visto que a mesma tem um profundo poder de transformação e reflexão acerca da realidade. Assim, ele expõe argumentos que vão sustentar a ideia de que a literatura deve ser considerada um direito inerente a todos os seres humanos. Esses argumentos são construídos quando ele relaciona os direitos humanos com a literatura em dois ângulos diferentes.

O primeiro está voltado para a ideia de que a literatura corresponde a uma necessidade universal, pois ela é capaz de formar personalidade, dando formas aos sentimentos e a visão do mundo e por isso ela nos organiza, liberta-nos do caos e conseqüentemente nos humaniza. A humanização é colocada pelo autor como o processo que submete ao homem traços que consideramos essencial como exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor. O autor conclui que negar a fruição da literatura é negar a nossa humanidade. O segundo, por sua vez, configura-se pelo fato de que a literatura pode ser um instrumento de conscientização e de desmascaramento, visto que ela expõe a restrição e a negação dos direitos, a miséria, a servidão, a mutilação espiritual, ou seja, está conectada aos direitos humanos. O grande problema é que esse direito a literatura acaba por ser restringir a uma pequena camada da sociedade não só no Brasil como também no mundo.

Nesse sentido, o autor aponta que as classes populares até tem contato com a literatura, porém uma mais popular como: música, novela, folclore, ou seja, a literatura de massa. Essas

modalidades são importantes, no entanto, não devem ser considerados como o bastante, os desvalidos também precisam ter contato com o erudito. Candido apresenta que esse problema só teria solução se houvesse uma organização da sociedade de forma que os bens fossem distribuídos de maneira equitativa. No entanto, em uma sociedade como o Brasil que existe um número significativo de analfabetos e que vivem em condições em que não há a possibilidade de terem um lazer voltado para a leitura. O autor aborda, além disso, exemplo de países como a Itália em que fora aprovada, em Milão, uma lei onde todos os operários teriam direito a certo número de horas destinadas ao aperfeiçoamento cultural em matérias escolhidas por eles próprios com o intuito de melhorá-los profissionalmente. Só que para a surpresa de todos, os operários optaram por aprender melhor a sua língua e ter contato com a literatura do país. Esse exemplo serve para mostrar o quanto os clássicos podem encantar e interessar a todos, instigando os cidadãos a aprenderem ainda mais. Por fim, Antonio Candido conclui que uma sociedade justa deve expandir os direitos a todos, sendo a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis um direito inegável.

Metodologia

A metodologia de trabalho de nossa pesquisa será qualitativa, basicamente crítico-teórica e, portanto, bibliográfica. O trabalho exigirá leitura crítica dos textos usados como embasamento teórico. De uma maneira geral, a sequência do trabalho pretende atender ao seguinte exposto:

- ➔ Leitura, compreensão e discussão inicial do artigo “*Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?*” De Regina Zilberman;
- ➔ Leitura e compreensão do ensaio *Direito a literatura* de Antônio Candido;
- ➔ Leitura e compreensão de textos de referência bibliográfica que permeiam o tema em questão, como por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular;
- ➔ Produção do trabalho de estágio.

Conclusão

Pode-se dizer, portanto, que a literatura deve ser pensada como instrumento de construção da dignidade da pessoa humana como ser capaz de refletir sobre sua realidade criticamente. Não se deve negar de que o uso da literatura como meio de aprender a melhorar a comunicação interpessoal é eficaz, como apresenta a BNCC. No entanto, seu papel não deve se resumir a isso. A literatura deve ser vista como elemento de construção do pensamento crítico-social, já que ela possibilita um direcionamento não só para os valores da nacionalidade de um determinado país, como também para crenças e percepções pessoais, possibilitando que as pessoas reflitam no seu modo de ver a vida e estar no mundo.

Desse modo, o modelo ideal de ensino de literatura deveria ser realizado de modo que através dela seja possível desenvolver uma escrita mais clara e perspicaz e também trazer à tona o conhecimento do desenvolvimento das sociedades e como essa se posicionou em cada período histórico, quais foram seus pensamentos, caminhos e meios para transgredir, revolucionar e assim evoluir.

Referências bibliográficas

- ZILBERMAN, Regina. *Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?* Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 1 - 9-20 - jan./jun. 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- Ministério da Educação. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, 2006.

PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E ENSINO DE LÍNGUAS

Samuel Oliveira Silva²⁶

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar duas teorias de aquisição de linguagem: o inatismo e o interacionismo, além de analisar seus impactos no ensino de língua. Foram analisados os métodos e objetivos da pesquisa a fim de integrá-los a um sistema de ensino capaz de focar na individualidade do aluno e, simultaneamente, estimular a interação e socialização dos estudantes, através de uma escolarização ativa e contextualizada.

Palavras-chave: Aprendizagem. Genética. Interação. Mediação. Linguagem.

Abstract

This article aims to study two theories of language acquisition: Innatism and interactionism, in addition to analyzing its impacts on language teaching. The methods and objectives were analyzed in order to integrate them into a teaching system capable of focusing on the individuality of the student and, simultaneously, to stimulate the interaction and socialization of the students, through an active and contextualized schooling.

Keywords: Learning. Genetics. Interaction. Mediation. Language.

Introdução

De acordo com o dicionário *Michaelis*, podemos definir linguagem tanto como um meio do ser humano se comunicar quanto um sistema de comunicação animal através de sons e cantos, entre outras funções. No ser humano, o processo comunicativo abrange tanto aspectos linguísticos quanto pré-linguísticos. Tais aspectos aprimoram-se e interagem ao longo da formação de meios cognitivos da criança. De acordo com Escobar (2019), os primeiros meses de vida, a criança tende a se expressar através do choro, indicando fome, dor ou algum outro incômodo; já a partir do primeiro ano, são formadas sílabas e palavras, iniciando a elaboração de um vocabulário próprio que se expande durante a vida.

Na primeira fase do desenvolvimento dos processos linguísticos e cognitivos da criança nota-se a importância da inserção da criança em um meio social que possa interagir com outras pessoas, principalmente com a mãe que, neste momento, conta com o “manhês” ou “baby talk” que segundo Schnack (2007), foi:

caracterizado basicamente em função de: (a) estruturas sintáticas simplificadas; (b) expansões da fala da criança; (c) uso de vocábulos próprios, e em certa medida localmente criados, para determinados campos lexicais (comida, animais, entre outros); (d) entonação ascendente; e (e) uso de diminutivos. (SCHNACK, 2007, p. 116).

Por meio do convívio social, a criança tende a acumular as palavras contidas em seu núcleo familiar e passa a desenvolver o processo comunicativo linguístico, não se restringindo, portanto, aos elementos pré-linguísticos como choros e balbucios, visando comunicar-se com seu meio.

²⁶Graduando em Letras - Universidade Federal Fluminense.
Orientador: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

A fim de compreender os mecanismos de aquisição da linguagem, deparamo-nos com diferentes perspectivas que visam entender o processo comunicativo nas crianças. A saber, listemos, pois, os seguintes métodos: o inatismo e o interacionismo. Teorias estas representadas, respectivamente, pelo linguista Noam Chomsky (1928-) e pelo psicólogo Lev Vygotsky (1896-1934). A partir da análise dessas duas correntes, o presente artigo pretende demonstrar as implicações dessas teorias no ensino de língua materna na Educação Básica.

Pressupostos teóricos

A respeito da teoria de aquisição da linguagem a partir da perspectiva inatista, utilizamos as reflexões de Antônio Rômulo Bezerra de Sousa, em seu artigo intitulado *A Teoria Inatista da Aquisição da Linguagem*, publicado pela Revista Partes em 2012. De acordo com a proposta de Noam Chomsky, as pessoas possuem uma gramática internalizada em suas mentes e ela é aprimorada ao longo da vida. A partir dessa ideia, pode-se pressupor que, ao interagir com o meio, a criança desenvolve um conjunto de regras gramaticais, formado por estruturas da língua materna, não por imitação, mas porque incorporou novos modelos para sua língua (SOUSA et al., 2012).

No artigo, Sousa relata que Chomsky e a teoria inatista defendem a existência do DAL, um dispositivo de aquisição linguística. A criança faz uso desse dispositivo entrando em atividade dialógica com adultos que gera a absorção de estruturas, palavras e sentenças. Junto ao DAL, tem-se outro conceito inatista: o IMPUT, mecanismo que seleciona entre os elementos textuais absorvidos pela criança a fim de expandir seu conhecimento linguístico e aprimorar sua gramática interna (SOUSA et al., 2012). Dessa forma, o que a criança julgar como útil a sua gramática interna universal, será selecionado pelos meios de aquisição de linguagem; já o que não lhe aprouver em seu desenvolvimento cognitivo, não fará parte de sua gramática.

Diante disso, podemos dizer que o inatismo postula que o conhecimento gramatical é oriundo de uma carga genética que todas as pessoas possuem já ao nascer e, por conseguinte, estão configurados para desenvolver o saber linguístico, através da gramática universal. A criança desenvolve, a partir dos meios comunicativos, o seu repertório, não pela reprodução da fala de um adulto, mas pelas suas próprias convenções. Usemos, pois, o exemplo dado pela professora Terezinha Bittencourt: uma criança pequena perguntando a sua mãe se tal líquido é “bebestível”, ela não está imitando o dizer da mãe, mas está criando uma relação entre “comer” e “comestível” e “beber” e “bebestível”. De acordo com Bittencourt (2020), no seu artigo intitulado *O Estudo do Léxico Nas Aulas De Língua Portuguesa*, a criança demonstra saber regras referentes à formação de palavras, mas, por conta de sua realidade extralinguística, proporciona a criação dos mais variados tipos de signos linguísticos a fim de “atender às necessidades cognoscitivas e manifestativas de seus usuários, seja através da incorporação de unidades inéditas na língua seja através de novas acepções atribuídas a unidades já existentes” (BITTENCOURT, 2020, p. 121-122).

Segundo a perspectiva da teoria inatista de Noam Chomsky, conclui-se que a criança nasce com o saber linguístico internalizado, não se limitando apenas à reprodução das falas adultas, opondo-se à imitação. Defendendo, portanto, o abarcamento de regras e moldes que se acumulam durante o processo de atividade linguística em seu meio interacional que visa o aperfeiçoamento cognitivo do falante ao longo da vida.

Além da perspectiva inatista, este artigo visa a apresentar a teoria interacionista de aquisição da linguagem, representada pelas ideias do psicólogo Lev Vygotsky e, como base teórica, utilizaremos o artigo *Aquisição Da Linguagem: Algumas Reflexões Teóricas*, escrito por Francicleide Cesário de Oliveira e Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra, obra integrante do V

CONEDU²⁷. Além disso, tomaremos o livro *A Formação Social da Mente*, de Lev Vygotsky. Utilizando estes pressupostos teóricos, o artigo pretende expor a visão interacionista e sua relação com a aquisição da linguagem.

Oliveira e Bezerra (2018) defendem que, diferentemente da visão inatista chomskyana, o interacionismo entende como aquisição da linguagem como um processo mediado por adultos que, ao interagir com as crianças, fornecem material para a criação de uma linguagem internalizada pela criança. Linguagem essa, um traço individual, formado por intermédio da interação entre a criança e o meio em que está inserida.

Tomando como ponto de partida a interlocução entre indivíduos como a matriz do desenvolvimento do falante, entendemos que o interacionismo pressupõe que o aprendizado de uma criança e seus pensamentos reflexivos são frutos de um contato prévio entre ela e seu círculo social, como menciona Vygotsky (1991): “A linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois, quando da conversão em fala interior, ela vem a organizar o pensamento da criança, ou seja, torna-se uma função mental interna.” (VYGOTSKY, 1991, p. 60). Assim, opondo-se ao inatismo, o interacionismo propõe-nos a ideia de que a criança não nasce tendo uma gramática universal em seu interior, mas ela é criada como consequência da interação com o mundo em seu redor.

A partir das ideias apresentadas nas duas concepções de aquisição da linguagem, vê-se que a teoria inatista apoia que o aprendizado é pré-estabelecido e apresenta carga genética, enquanto o interacionismo defende que o aprendizado é construído do zero, aumentando através das trocas de saberes mediadas pela atividade dialógica. Assim, o trabalho há de analisar os seus impactos no ensino de línguas e observar considerações de pessoas atuantes no ensino em relação às teorias abordadas.

O artigo estabelece-se unicamente sobre o aspecto de inatismo da teoria chomskyana, falando a respeito da Gramática Universal que cada pessoa possui ao nascer e a amadurece ao longo do tempo. A respeito do interacionismo, delimitamos nossas ideias ao conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal, entendendo que o professor serve como catalisador que expande o saber atual do discente até o seu potencial.

Metodologia

A pesquisa utilizada neste trabalho foi de caráter teórico. A seção teórica baseia-se em dois estudos já publicados: observando a teoria inatista, utilizamos o artigo *Strong Genetic Influence on a UK Nationwide Test of Educational Achievement at the End of Compulsory Education at Age 16*, realizado pela King’s College e publicado em 2013 na revista científica Plos One; sobre o interacionismo, usamos o artigo *Aquisição Da Linguagem Escrita E O Ensino De Língua Materna: Uma Abordagem Interacionista*, publicado pela *Revista Prolíngua*, em 2010, cujas autoras são Adivânia Franca de Moura e Maria Alba Silva Cavalcante.

O caráter teórico dessa pesquisa dá-se pela análise dos dados obtidos pelos artigos publicados pela *Revista Prolíngua* na qual abordam implicações no ensino de língua materna e aquisição de linguagem escrita. Já a publicação britânica sugere que há grande influência genética no aprendizado dos alunos nos anos finais da Educação Básica. A partir dessas informações, estabelecemos que o objetivo deste trabalho é o de analisar os dados presentes em ambos os artigos.

²⁷ V Congresso Nacional de Educação, ocorrido no Centro de Convenções de Pernambuco, entre os dias 17 e 20 de outubro de 2018.

Análise de dados e discussão

Com base com o que foi obtido nas pesquisas elaboradas nos artigos mencionados, veem-se as seguintes informações: no estudo britânico, Shakeshaft et al (2013) utilizaram como espaço amostral de sua pesquisa, 5.474 de pares de jovens gêmeos britânicos, nos últimos anos do ciclo obrigatório de educação, época em que os jovens prestam o General Certificate of Secondary Education (GCSE)²⁸. Na pesquisa, foram admitidos apenas jovens que foram criados juntos, com o inglês como primeira língua e sem doenças graves. Entre os gêmeos monozigóticos, estavam 2.008 pares e 3.466 dizigóticos, sendo 1.730 do mesmo sexo e 1.730 de sexos distintos entre os gêmeos fraternos.

A pesquisa foi conduzida observando três pontos principais: herança genética, ambientes compartilhados pelos irmãos e os ambientes que não são compartilhados por eles. No estudo, foi constatado que os gêmeos monozigóticos tendem a ter resultados semelhantes, uma vez que seus ambientes e modo de vida são parecidos. O estudo estabeleceu a seguinte correlação entre os irmãos gêmeos idênticos e fraternos: aos idênticos, 1,0 em carga genética e 1,0 na ambientação; já aos fraternos, 0,5 em hereditariedade e 1,0 na ambientação.

Como resultados, os pesquisadores apontaram que a genética é responsável por 53% da variância nos resultados do GCSE, enquanto 30% como responsabilidade dos ambientes compartilhados. Assim, levantaram a hipótese de que a realização educacional mostra que a influência genética atua não só nas aptidões cognitivas, mas também em traços de personalidade e motivações, como destacado no seguinte trecho:

Another possibility is that educational achievement shows strong genetic influence because it taps into many genetically influenced traits, not just aptitudes of cognition but also appetites of personality and motivation which also have genetic influences. Multivariate genetic analysis, which addresses the genetic and environmental origins of covariance among traits (SHAKESHAFT et al., 2013).

Dessa maneira, o estudo britânico propõe não mais uma escolaridade passiva, mas um modelo em que os alunos construam suas próprias experiências, baseando-se parcialmente em suas propensões genéticas, como base de um aprendizado personalizado (SHAKESHAFT et al., 2013).

Já o artigo da Revista Prolíngua demonstra a importância do papel mediador do professor no processo de desenvolvimento da linguagem escrita e sua correlação com a linguagem oral, citando Marcuschi (2008), ao dizer que a diferença entre fala e escrita não se dá numa divisão dicotômica, mas sim dentro de um continuum tipológico das práticas sociais da produção textual. A partir daí, as autoras discorrem acerca da importância da interação entre o contexto da produção textual e o ensino de língua escrita, fazendo com o que docente leve em consideração o conhecimento de mundo do aluno.

Dessa forma, é necessário que o professor leve em conta que ao tentar ensinar as unidades mínimas da língua, ele deveria antes de tudo, considerar que o aluno traz consigo um conhecimento prévio sobre a linguagem e que o mesmo já reflete os seus usos. (CAVALCANTE; MOURA, 2010, p. 4)

Adiante, falam a respeito dos desvios à norma padrão da língua como um mecanismo de aquisição da escrita e a função mediadora do professor. Neste tópico, as pesquisadoras mencionam que “erro é entendido como um processo de constituição do saber pelo aluno e o professor é um

²⁸ No Reino Unido, a fim de ingressarem nos anos finais do Ensino Médio, chamados como Sixth Form, os estudantes precisam obter certificados GCSE em diferentes disciplinas com notas de corte específicas.

mediador desse processo.” e, por causa disso, tais erros não podem ser considerados como uma punição, mas como uma construção de conhecimento em que os alunos estão representando na escrita os sons da fala. Para demonstrar o seu argumento, as autoras usaram dois exemplos de produção textual de alunos na fase da alfabetização. Nas produções pode ser visto a supressão de dígrafos como em *nacimento*, ao invés de *nascimento*; troca de *qu* por *c* em *vero*, aglutinação de palavras como *vai ser* que foi escrito como *vaic*, entre outros casos presentes nas atividades.

Para as pesquisadoras, os professores não devem observar os desvios como transgressões à norma padrão do idioma, mas como “processo de elaboração da escrita” (CAVALCANTE; MOURA, 2010, p. 9). Baseando-se em Jaime Luiz Zorzi, as autoras defendem o seguinte:

Os erros, como os ocorridos nos textos referidos acima, são para o autor uma tendência das crianças no processo de aquisição da escrita e não são considerados como uma dificuldade particular delas. As crianças buscam compreender os jogos de representação da escrita que são construídos pelas hipóteses formuladas e não por uma aprendizagem automática ou de memorização, uma vez que estão inseridas no processo de desenvolvimento da linguagem. (CAVALCANTE; MOURA, 2010, p. 9)

Assim, segundo as pesquisadoras, cabe ao professor não criticar os desvios à norma, mas trabalhá-los a fim de desenvolver a aquisição da linguagem escrita em sala de aula. Esse trabalho não pode menosprezar ou isolar a linguagem oral da escrita, já que “a escrita só tem sentido a partir da fala” (CAVALCANTE; MOURA, 2010, p. 10). Assim, as autoras baseiam-se na ideia da “Zona de Desenvolvimento Proximal”, em que o professor direciona o conhecimento atual da criança ao seu potencial. Esse conceito foi desenvolvido por Lev Vygotsky e pode ser definido como:

a distância entre o nível real (da criança) de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independentemente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados (VYGOTSKY, 1991, p. 86)

Assim, o professor serve como mediador na interação entre as crianças e seu contato com o sistema linguístico, uma vez que, sozinhos, os alunos não conseguiriam entender e solucionar problemas decorrentes dos processos de aprendizagem da língua. Sob a ótica interacionista, o intermédio do docente ajuda no desenvolvimento sociointerativo com outras crianças e auxilia na compreensão e aprendizagem das normas linguísticas e seus usos. O professor, portanto, utiliza o texto como um construtor de sentido. Citando Mônica Magalhães Cavalcante, podemos entender que o texto é “um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram num diálogo constante.” (CAVALCANTE, 2012, p. 20).

Observando os itens analisados nas duas pesquisas, podemos relacionar o estudo britânico à teoria chomskyana de que a carga genética influi no desempenho dos alunos. Embora a pesquisa realizada na Inglaterra englobasse apenas gêmeos, vimos que a ambientação e interação familiar não são fatores determinantes no aprendizado. Já a pesquisa presente na Revista *Prolíngua* baseia-se firmemente nos pressupostos interacionistas, abordando temas como a “Zona de Desenvolvimento Proximal”.

Como propostas educacionais, a pesquisa britânica propõe uma perspectiva de personalização do ensino, baseada na ideia de que a genética tem grande influência no aprendizado de ciências linguísticas. Como foi constatado na pesquisa, 52% de variância nos resultados das avaliações voltadas para língua inglesa foi possível graças à herdabilidade; já a proposta interacionista aproxima o professor de uma figura mediadora que, usando tanto a escrita quanto a

oralidade, poderá desenvolver o saber linguístico dos alunos e ajudar na interação social entre os alunos, usando o texto não como pretexto, mas como ferramenta de diálogo entre os alunos e as informações contidas no texto.

É inegável a importância do ambiente familiar no desenvolvimento do aprendizado dos estudantes. A partir daí, não só relacionamos aspectos genéticos como determinantes para a construção de saberes e obtenção de resultados em exames como também o papel determinante do ambiente familiar no desenvolvimento e aquisição da linguagem oral que parece se desenvolver pelo contato do que carga genética, além da presença ativa do professor na elaboração de atividades que trabalham oralidade e escrita e socializam os alunos.

Considerações finais

Analisando os elementos da pesquisa teórica, pouco foi relacionado entre a teoria inatista e o estudo das características genéticas de irmãos gêmeos em exames vestibulares no Reino Unido. No entanto, o estudo pôde se aproveitar da ideia da criação de uma escolaridade ativa, voltada para o desenvolvimento do aluno como indivíduo, não como um elemento no meio de um grupo. Um aprendizado ativo só será possível se houver incentivos por parte do governo em proporcionar condições que garantam que todas as crianças tenham acesso à Educação e que a profissão do docente seja valorizada.

Nesse aspecto, o profissional da educação há de ter suporte adequado em seu ambiente de trabalho e agir como intermediário entre os alunos e o saber. Conduzindo os alunos, através da interação, para atingir não só bons resultados em avaliações, mas também formar leitores e escritores capazes de se comunicar com o mundo a sua volta.

Quanto ao ensino de língua, independentemente de qual seja sua origem, cabe ao professor desenvolver a formação dos alunos nas mais diversas competências da linguagem. A partir daí, concluímos o trabalho propondo um modelo ativo de escolarização que valorize o conhecimento de mundo dos alunos e seus contextos, além de uma atuação mediadora dos docentes, a fim de facilitar a construção de conhecimento dos estudantes.

Referências

- BEZERRA, Keutre; OLIVEIRA, Francicleide. Aquisição da Linguagem: Algumas Reflexões Teóricas. V CONEDU, Recife, 2018, p. 9-10. Disponível em: TRABALHO_EV117_MD1_SA8_ID5561_17092018214456. pdf (editorarealize.com.br). Acesso em 10 fev. 2022.
- BITTENCOURT, Terezinha. O Estudo do Léxico nas Aulas de Língua Portuguesa. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, Vol. XXV, segundo semestre 2020. p. 121-122. Disponível em: REV XXV.pdf (filologia.com.br). Acesso em 11 fev. 2022.
- CAVALCANTE, Maria; MOURA, Adivânia de. Aquisição Da Linguagem Escrita E O Ensino De Língua Materna: Uma Abordagem Interacionista. *Revista Prolíngua*, Paraíba. Vol. 5, n.1, jan/jul de 2010. Disponível em: Vista do AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA (ufpb.br). Acesso em 09 fev. 2022.
- CAVALCANTE, Mônica. *Os Sentidos do Texto*. São Paulo; Editora Contexto. p. 20.
- ESCOBAR, Ana Maria. Quando a criança começa a falar? *Revista Crescer*, 2019. Disponível em: Quando a criança começa a falar? - Revista Crescer | Ana Maria Escobar (globo.com). Acesso em 09 fev. 2022.
- ESTUDAR no Reino Unido: que significa GCSE, Sixth Form e A-Level? *Vestibular Brasil Escola*, 2017. Disponível em: Estudar no Reino Unido: que significa GCSE, Sixth Form e A-Level? (uol.com.br). Acesso em 12 fev. 2022.

LINGUAGEM *In*: Michaelis On-line. Melhoramentos, c2022. Disponível em: Linguagem | Michaelis On-line (uol.com.br). Acesso em 09 fev. 2022.

SCHNACK, Cristiane. Baby talk: uma fala de adulto direcionada à criança. Que criança? Que adulto? *Calidoscópio*. Vol. 5, n. 2, p. 116, mai/ago 2007 © 2007 by Unisinos. Disponível em: Vista do Baby talk: uma fala de adulto direcionada à criança. Que criança? Que adulto? (unisinos.br). Acesso em 10 fev. 2022.

SHAKESHAFT, G. Nicholas et al. Strong Genetic Influence on a UK Nationwide Test of Educational Achievement at the End of Compulsory Education at Age 16. *Plos One*, 2013. Disponível em: PLOS ONE: Strong Genetic Influence on a UK Nationwide Test of Educational Achievement at the End of Compulsory Education at Age 16. Acesso em 12 fev. 2022.